INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
ICESPI

Antonio Fernandes Garcia Filho

AS DETERMINAÇÕES IDEOLÓGICAS DO TRABALHO EM MARX E DE MASI

Teresina-PI
2014

ANTONIO FERNANDES GARCIA FILHO

AS DETERMINAÇÕES IDEOLÓGICAS DO TRABALHO EM MARX E DE MASI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Cod. 5860
100
S216d
Ex. 01

Teresina-PI
2014

ICF - SPI - Biblioteca
13141 15/10/19

ANTONIO FERNANDES GARCIA FILHO

AS DETERMINAÇÕES IDEOLÓGICAS DO TRABALHO EM MARX E DE MASI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Aprovado em: ____ de ____de _____Nota Obtida_____

Banca examinadora

_____
Pro. Orientador

_____
1° Prof. Examinador

_____
2° Prof. Examinador

Teresina-PI
2014

A Trindade Santa, à minha família, à Província São Francisco das Chagas do Ceará e do Piauí.

A Trindade Santa, à minha família, à Província São Francisco das Chagas do Ceará e do Piauí e a todas as pessoas que contribuíram na construção desta pesquisa.

"A guerra deve ser em função da paz

A atividade em função do ócio

As coisas necessárias e úteis em função das belas."

Aristóteles

RESUMO

A análise aqui desenvolvida busca enfocar as determinações ideológicas do trabalho implantadas pelo sistema capitalista de produção e pela classe que está à sua frente, na sociedade moderna. Este sistema "provindo das entranhas do feudalismo" trouxe consigo a ideologia de que é necessário a produtividade de todos, o que só ocorre pelo trabalho. Assim, esta ideia foi construída e segmentada pelo capitalismo e pela organização social trabalho. De certa forma, esta mentalidade opera o discurso ideológico burguês e procura-se mostrar neste sentido seu funcionamento da valorização ideológica burguesa do processo produtivo. A abordagem será fundamentalmente teórica, a partir do pensamento de Karl Marx que fez uma análise da sociedade de sua época e do pensamento de Domenico De Masi escritor marxista, que analisa a organização do processo produtivo na sociedade pós-industrial. Como grande defensor do trabalho humano, Marx sistematiza a organização do processo produtivo. Nesse sentido, ele levanta várias críticas entre as quais a forma como o trabalho é explorado, na sociedade moderna. Embasado no pensamento de Karl Marx, De Masi analisa as transformações ocorridas na sociedade contemporânea, destacando o impacto dessas transformações nas alterações que se processam no conceito de trabalho, particularmente as visibilizadas pela expressiva revolução tecnológica que possibilita a redução do horário de trabalho. Este pensador, portanto, critica o endeusamento do trabalho construído na sociedade industrial. Assim, a pesquisa busca um estudo da ideologia embutida no conceito de trabalho, a partir de Marx e De Masi.

Palavras-chave: Trabalho, Ideologia, Marx, De Masi.

ABSTRACT

The analysis pursuit to focus on the ideological determinations of labor deployed by the capitalist system of production and the class that is ahead in modern society. This system "stemming from the bowels of feudalism" brought with the ideology that everyone's productivity, which only occurs by the work is required. So, this idea was built and segmented by capitalism and social work organization. Somehow, this mindset operates the bourgeois ideological discourse and seeks to show their operation in this sense of bourgeois ideological valorization of production process. The approach will be fundamentally theoretical, from the thought of Karl Marx who made an analysis of the society of his time and thought of Domenico De Masi a Marxist writer who analyzes the organization of the production process in the post-industrial society. How great defender of human labor, Marx systemizes the organization of the production process. In this sense he raises several criticisms including the way work is explored in modern society. Based upon in the thought of Karl Marx, De Masi examines transformations in contemporary society, highlighting the impact of these changes on the changes occurring in the concept of work, in particular the visualized by expressive technological revolution that enables the reduction of working hours. This thinker therefore criticizes the deifying of built work in industrial society. So, the research seeks to study the ideology embedded in the concept of work, from Marx and De Masi.

Keywords: Work, Ideology, Marx, De Masi.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 KARL MARX: O DEFENSOR DO TRABALHO HUMANO 13
2.1 A transição do Feudalismo para o Capitalismo 13
2.2 O modo de produção capitalista 15
2.3 O antagonismo entre as classes sociais 19
2.4 Proletariado versus Burguesia 21
2.5 Categoria-chave no pensamento de Marx: infra-estrutura e superestrutura 22
2.6 A relação capital versus trabalho 22
2.7 O salário do trabalhador 26
2.8 2.8 O processo de alienação no trabalho 29

3 O CONCEITO DE TRABALHO NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL À LUZ DO PENSAMENTO DE DOMENICO DE MASI 31
3.1 O nascimento da sociedade pós-industrial 31
3.2 A organização do trabalho na sociedade pós-industrial 35
3.3 Sociedade industrial *versus* sociedade do mais trabalho 38

3 UMA NOVA CONCEITUAÇÃO DE TRABALHO COMO VALORIZAÇÃO DO ÓCIO 42
4.1 Prevalência do carácter ideológico do trabalho 42
4.2 Trabalho: principal objetivo da vida 44
4.3 Endeusamento do trabalho na sociedade tecnológica 46

5 CONCLUSÃO 53

7 REFERÊNCIAS 56

1INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo o estudo das determinações ideológicas do trabalho. Na Idade Média se construiu, em torno do trabalho, uma ideologia que afirmava: "quem não trabalha é preguiçoso", "o ócio é o pai de todos os vícios". Esta ideologia foi, sem dúvida, uma das mais difundidas e uma das mais constantemente usadas na linguagem da época, seja pelos detentores do poder econômico, seja pelo poder eclesiástico, seja através da comunicação de massa.

Nesta perspectiva pode-se afirmar que dois pensadores foram extremamente relevantes na elaboração deste trabalho: Karl Marx e De Masi. O intuito, desta pesquisa é discutir acerca do conceito de trabalho na atualidade, na panorâmica compreensiva do pensamento de ambos. O primeiro faz uma análise na sociedade moderna, à luz dos acontecimentos da época. O segundo analisa a sociedade atual, centralizando o seu estudo na organização do processo produtivo.

O grande passo ideológico para a afirmação do processo produtivo como mola propulsora do desenvolvimento social foi o Iluminismo que marcou a transição do feudalismo para o capitalismo. O que isso significa? Que o Iluminismo busca superar o passado expresso no feudalismo e nas suas ideologias, onde os aristocratas não estavam inseridos no processo produtivo, e ao mesmo tempo, busca dar vida ao presente e afirmar um novo modo de produção, o capitalismo.

Neste sentido, a transformação social traz consigo as mudanças culturais, morais e ideológicas. Instaura-se com isso, o século das luzes e com ele o capitalismo, a crença na razão e no progresso. Ao desvencilhar-se da Idade Média, ao libertar-se das influências da Igreja para a autonomia da razão, crítica e transformadora, o homem moderno impulsionado, pela lei capitalista, segmenta a ideologia construída no feudalismo, de que é necessário que todos sejam produtivos, o que só ocorre pelo trabalho. Assim, esta ideia foi construída e segmentada pelo capitalismo e pela organização da estrutura produtiva.

Com o advento da civilização moderna, o trabalho torna-se a categoria central, instrumento justificador do desenvolvimento social. Neste período de intensificação ideológica capitalista, o processo produtivo assume o papel central da sociedade, pois é o único capaz de aumentar a produtividade. Com esta mentalidade, desabrocha a ciência, fazendo a sociedade experimentar uma nova dimensão social e política. Há uma pujança criadora de ideias, e teorias.

Nenhuma época foi tão afeita ao trabalho como a sociedade moderna. A estrutura produtiva se agravou tão profundamente na consciência e no ser das pessoas que pareceu ter-se tornado o principal objetivo da vida. Na esteira do progresso, o homem fez do trabalho o mito da felicidade e se tornou cada vez mais angustiado, sempre na busca do poder e do ter. É por isso, que esta época, marcada pela estrutura produtiva, o ócio é colocado em plano secundário.

No que diz respeito à cultura, ela aparece como ideologia do simulacro, que encobre a desigualdade das classes sociais, criticada tanto por Marx. A racionalidade da técnica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio. O consumismo se tornou o portador da ideologia dominante. A sociedade tão decantada, como igualitária, é uma farsa. O ponto de partida de Marx não é o discurso da igualdade, mas da desigualdade, da crítica à ideologia da época.

No primeiro capítulo desta monografia faz-se uma análise do pensamento de Karl Marx, que defende o trabalho como atividade vital da vida humana, mas critica sua exploração na sociedade moderna. Neste sentido, o pensamento de Marx é um duro ataque à organização produtiva da época. Apesar de defender o processo produtivo, o próprio faz uma cerrada crítica à exploração que acontece com o trabalhador na sociedade moderna. Suas análises acerca da alienação que envolve o trabalhador no mundo da indústria exercem profunda influência nos posteriores pensadores que criticam a racionalidade tecnológica. No entender de Marx, a forma como o trabalho é explorado na sociedade moderna impede o homem de ser autônomo, livre, capaz de agir conscientemente.

É neste contexto que Marx empreende uma profunda crítica à exploração do trabalho na sociedade moderna, segundo o qual os monopolizadores dos meios de produção exploram a força de trabalho do operário. Neste sentido, o mais alto dever do proletário é estar inserido no processo produtivo, o que significa que ele participa do ato da produção das mercadorias, mas não recebe o suficiente à sua subsistência. Neste prisma, o trabalhador se objetiva no ato da produção, ou seja, no próprio trabalho, pois o produto do seu trabalho se apresenta como uma coisa estranha a si mesmo.

É, portanto, do nosso interesse, tratarmos do conceito de trabalho no pensamento de Karl Marx, nos detendo na base da produção capitalista, onde acontece a manifestação do caráter opositivo diante do trabalhador, outorgada pelo capital. Esses fatos serão tratados, tendo em vista um direcionamento ao contexto em que vive o trabalhador da sociedade atual, que apesar de todo desenvolvimento tecnológico, aumentando consideravelmente a produtividade, o trabalhador continua a viver em uma realidade extremamente miserável.

No segundo capítulo da monografia faz-se uma análise do conceito de trabalho na sociedade pós-industrial. De forma sucinta observa-se a trajetória ocorrida na transformação da sociedade industrial, que valorizava o processo produtivo de forma extremamente meritória, para a sociedade pós-industrial, que possibilita ao trabalhador, através do desenvolvimento tecnológico, a redução do horário de trabalho, intensionando o aumento do tempo livre. Neste sentido, De Masi observa que a utilização das máquinas é capaz de executar todo o trabalho que exige do operário o esforço físico, como acontecia na linha de montagem, até mesmo a parte mais tediosa do trabalho intelectual, deixando, portanto, ao homem, o desempenho da atividade criativa.

Com o advento da sociedade pós-industrial, se processa a superação da sociedade industrial, que explorava a força física do trabalhador. Assim, essa sociedade do presente, que por todos os lados vê superada a mentalidade que valorizava o trabalho braçal, emerge como possibilidade para o desenvolvimento do tempo livre. Essa certeza que constitui o fundamento da nova sociedade está expressa na revolução tecnológica.

Neste prisma, a cultura produzida ao longo do desenvolvimento da sociedade industrial, resultou de um específico complexo de condições engendradas pela formação social burguesa, pelo desenvolvimento econômico capitalista e pela justificativa de interesses que valorizava o processo produtivo como fundamento do desenvolvimento social. Neste período, se faz essencial a diferenciação entre trabalho e ócio. O primeiro constituía uma ideologia que valorizava os que estavam inseridos no mundo do trabalho, enquanto o segundo estava fundado numa aversão contrária ao desenvolvimento social.

No último capítulo destacam-se os elementos que serão predominantes na sociedade pós-industrial. Da sociedade do trabalho, emerge a sociedade do tempo livre. Uma vez entendido o processo de desenvolvimento tecnológico, se processando cada vez mais rápido, pode-se afirmar que na sociedade pós-industrial irá predominar o tempo livre em relação ao trabalho apregoado pela mentalidade precedente. Com efeito, uma característica da sociedade pós-industrial é a predominância do trabalho não mais manual, mas intelectual. Além disso, junta-se um jeito novo de conhecer que a informática, com as suas possibilidades, está exaltando por meio de uma oferta de informações enormes, sem que haja, todavia, o tempo e as condições para filtrar e assimilar o conteúdo.

Com esse avanço, a sociedade industrial encontra limites consideráveis e deve ser substituída por outra que valorize o ócio. Assim, com a consolidação da sociedade pós-industrial o ócio encontra o fundamento da sociedade, assumindo tal importância e tal idealidade que passa a ter o mesmo sentido que tinha na Grécia. Os trabalhos pesados eram

desenvolvidos somente pela camada inferior da sociedade, pois aos cidadãos ficavam as atividades de caráter reflexivo, que exigiam o tempo livre. É, portanto, este cenário que demarca o desenrolar do nosso esforço reflexivo. Situados em tal contexto, pensamos ser oportuno revisitar o pensamento de Marx e De Masi em busca de uma compreensão da temática em foco.

2 KARL MARX: O DEFENSOR DO TRABALHO HUMANO

2.1 A transição do Feudalismo para o Capitalismo

As transformações iniciadas na Europa ainda no século XIII, se cristalizaram com as revoluções burguesas dos séculos XVII, XVIII e XIX, criando uma sociedade de classe de novo tipo, a sociedade capitalista, em que, com a implantação da ideologia revolucionária francesa de igualdade entre todos, as ordens foram suprimidas, criando um modelo baseado exclusivamente em classes sociais. O surgimento da igualdade civil e política, portanto, representou uma ruptura na história da humanidade. Marcou, na verdade, a ruptura política que, articulada a transformações econômicas acumuladas ao longo de séculos, permitiu desencadear a transição definitiva do modo feudal para o modo capitalista de produção.

> A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto todo conjunto das relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, ao contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eterna distinguem a época burguesa de todas as precedentes. (MARX & ENGELS, 2002, p. 48).

Um aspecto fundamental de toda sociedade de classe é o mecanismo que assegura aos proprietários dos meios de produção a apropriação do sobre-trabalho dos produtores diretos. Esse mecanismo, na sociedade feudal, é justamente a distribuição dos agentes da produção em ordens organizadas hierarquicamente. As ordens definem-se no terreno do Estado, mais precisamente do direito. A ordem dos homens livres, integrados por indivíduos reconhecidos como sujeitos de direitos dotados de capacidade jurídica plena. Enquanto a ordem inferior é composta por servos que estão em contato direto com os meios de produção, tendo capacidade jurídica limitada.

No nível conceitual, isto é, tratando do modo de produção, temos, no campo da economia, apenas duas classes sociais opostas. Uma dominante, que se apropria do trabalho alheio e outra dominada, fornecedora de sobre-trabalho. No campo do direito, temos apenas duas ordens, uma superior, dotada de direitos que são privilégios, e uma inferior, desprovida de direitos e carregada de obrigações para com a ordem superior, a começar pela obrigação de lhe fornecer sobre-trabalho.

> São pressupostos processos históricos que transformam a massa de indivíduos de uma nação, se não em trabalhadores genuinamente livres, imediatamente, em trabalhadores livres, cuja única propriedade seja sua força de trabalho e a possibilidade de trocá-la pelos valores existentes. (MARX,1991, p. 97).

Embora todo membro da classe dominante pertença à ordem superior e todo membro da classe dominada pertença à ordem inferior, nas formações sociais historicamente existentes, pode haver indivíduos pertencentes a classes intermediárias situados tanto na primeira como na segunda ordem. O pertencimento dos membros da classe dominante à ordem superior e dos membros da classe dominada à ordem inferior é inevitável devido ao mecanismo pré-capitalista de extração do trabalho excedente.

O servo, no feudalismo, realiza a corvéia e paga os tributos em nome da religião e do Estado. "A despeito dessas obrigações recíprocas, é preciso acrescentar que a concentração do poder econômico e político nas mãos do senhor feudal engendrou um sistema no qual, sob todos os pontos de vista, o servo era explorado o máximo". (HUNT & SHERMAN, 1999, p.13). É por isso que Marx mostra em "O Capital", que a transferência do sobre-trabalho é visível para os agentes envolvidos. A exploração é, então, visível e as desigualdades de ordem impõem e justificam tal exploração. O capitalismo mostrou que a exploração de classe pode conviver com a igualdade jurídica entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores, convertidos, ambos, em cidadãos.

> O escravo romano estava preso por correntes a seu proprietário, o trabalhador assalariado o está por fios invisíveis. A aparência de que é independente é mantida pela mudança continua dos patrões individuais e pela fictio júris do contrato. (MARX In OLIVEIRA, 1997, p.166).

Já no modo de produção capitalista, a igualdade de direitos civis e políticos coexistem com a desigualdade de classe. Por isso, essa igualdade é, na verdade, formal. A desigualdade de classe nega a igualdade proclamada no plano dos direitos. Ademais, esse igualitarismo pode ocultar dos trabalhadores a exploração e a dominação de classe que os vitima. Nessa medida, embora o igualitarismo represente uma transformação progressista quando pensada no processo de transição do feudalismo para o capitalismo, desempenha uma função conservadora quando situada no processo de transição do capitalismo para o socialismo.

> Para que seu possuidor (da força de trabalho) venda-a como mercadoria, ele deve poder dispor dela, ser, portanto, livre proprietário de sua capacidade de trabalho, dê sua pessoa. Ele e o possuidor de dinheiro se encontram no mercado e entram em relação um com o outro como possuidores de mercadorias iguais por origem, só se diferenciando por um ser comprador e o outro, vendedor, sendo, portanto, ambos pessoas juridicamente iguais. (MARX, In OLIVEIRA, 1997, p.163).

A igualdade civil, que destruiu as ordens, concedeu independência pessoal ao trabalhador, mas oculta a exploração de classe. O capitalista, proprietário dos meios de produção, e o operário, desprovido de propriedade aparecem, no mercado, como sujeitos plenos de direito, livres e iguais, para realizar um contrato de trabalho. "O capitalismo sustenta-se na imposição de contratos e leis de caráter universal e obrigatório, raramente amenizadas por circunstâncias atenuantes ou por força de costumes". (HUNT & SHERMAN, 1999, p. 13). O direito igualitário oculta a desigualdade de classe e a exploração que ocorre no plano da produção, e faz com que a exploração apareça, aos olhos do trabalhador, como sua escolha.

A revolução burguesa representou, ao implantar a igualdade jurídica entre indivíduos pertencentes a classes sociais antagônicas, uma ruptura histórica com um passado milenar da humanidade. Algo até então impensável revelou-se possível: a manutenção da exploração de classe em sociedades juridicamente igualitárias. A revolução socialista, na hipótese de que ela venha a se realizar como pensou Marx, poderá representar uma ruptura com um passado não menos milenar, aquele que associa, desde as mais antigas civilizações, o crescimento das forças produtivas à exploração de classe.

2.2 O modo de produção capitalista

O renascimento do comércio e o desenvolvimento da produção artesanal marcam a transição do feudalismo para o capitalismo. A intensificação deste desenvolvimento inicia a ascensão de uma nova classe, ao passo que impulsiona a simultânea decadência das três ordens existentes: dos feudos, da produção de valores de uso, da ruralidade que se desestrutura e em seu lugar emerge uma sociedade cada vez mais urbana, comercial e industrial.

Desde o século X até o século XV, o comércio e o desenvolvimento da produção artesanal, evoluindo gradativamente, prepararam o ambiente para o nascimento da burguesia que dera prosseguimento ao ritmo do desenvolvimento do capitalismo, estimulado pelos grandes descobrimentos do século XV e XVI e pela exploração dos mundos coloniais, bem como pelas operações financeiras de uma monarquia com carência de dinheiro.

> A ascensão da classe média é um dos fatos importantes desse período que vai do século X ao século XV. Modificações nas formas de vida provocaram o crescimento dessa nova classe e seu advento trouxe novas modificações no modo de vida da sociedade. As antigas instituições, que havia servido a uma finalidade na velha ordem entraram em decadência; novas instituições surgiram, tomando seu lugar [...] Os senhores começaram a enfraquecer por terem perdido grande parte de seus bens em terras e servos. Sua força havia sido desafiada e parcialmente controlada pelas cidades. E em certas regiões, em sua constante guerra entre si, estavam realizando o extermínio mútuo. O rei fora um aliado forte das cidades na luta contra os senhores. Tudo que reduzissem a força dos barões fortalecia o poder real. Em recompensa pela sua ajuda, os cidadãos estavam prontos a auxiliá-lo com empréstimo de dinheiro. (HUBERMAN, 1979, p 79-80).

A decadência do sistema feudal e a ascensão da burguesia favoreceram o rápido crescimento da população e da concentração urbana. Com a dissolução do feudalismo, os trabalhadores que cultivavam as terras dos senhores feudais, viam o advento da indústria como uma oportunidade de trabalho. Por isso, eles se deslocavam dos feudos para os centros urbanos acreditando que o desenvolvimento urbano e industrial iriam lhe proporcionar melhores condições de vida e de trabalho. "Quando a indústria capitalista teve necessidade de trabalhadores, encontrou parte da mão-de-obra entre esses infelizes desprovidos de terra, que haviam passado a ter apenas a sua capacidade de trabalho para ganhar a vida". (HUBERMAN, 1979, p.118). Com esta transformação social, instauram-se novos elementos ideológicos que serão difundidos principalmente pela burguesia, que ao combater a intolerância, o clericalismo, a propriedade feudal, defende a tolerância, a propriedade burguesa e a liberdade de comércio, apregoando neste sentido, o processo produtivo como fator determinante no desenvolvimento social.

Nesta perspectiva, o trabalho assume na sociedade moderna a centralidade da vida, ao contrário da época precedente que, a classe dominante não estava inserida. Em lugar dos costumes e tradições que ocorriam no feudalismo, onde a ordem inferior trabalhava para manter a ociosidade da ordem superior, a sociedade moderna sustenta uma ideologia de valorização do trabalho, que até mesmo, os donos dos meios de produção estão atrelados no processo produtivo.

Neste ponto, pode-se perceber que, todos os cidadãos, ricos e pobres, mercadores, mestres e trabalhadores unirão forças, na luta para libertar a cidade de seus senhores feudais. Mas os frutos da vitória foram somente para as classes dominantes. As classes inferiores presenciaram a mudança simplesmente de senhor, que antes estava nas mãos de um senhor feudal e agora está centralizada nas mãos da burguesia.

No feudalismo não havia a produção de excedentes de grande escala, pois só se fabricava o necessário para o consumo. Na manufatura feudal as mercadorias eram fabricadas

para atenderem às necessidades de casa. A indústria revolucionou este modo de produção, pois agora as mercadorias são produzidas para serem vendidas comercialmente, num mercado externo.

Com o capitalismo, acontece uma incomensurável reviravolta na história da produção que antes determinava o consumo e que agora, ao inverso, direciona o consumo. A natureza em sua ordem já não é mais considerada pelo homem como algo extremamente importante e por isso não se deve conservar; mais meritório e necessário é o quanto o homem pode, por meio do trabalho, destruí-la e construir algo que sirva de produção de capital.

A natureza, no entanto, fornece a matéria prima para a construção do produto, este colocado em situação de arrecadação de capital, sendo este capital embolsado pelo dono dos meios de produção que construiu uma ideologia que centraliza o processo produtivo, como mola propulsora do desenvolvimento social. Sem contar que o trabalhador é explorado o máximo de sua capacidade produtiva. A burguesia como classe que se apropria do trabalho alheio, apregoa uma ideologia que todos devem trabalhar. "A conseqüência prática dessa doutrina (ou talvez a sua razão de ser) foi à crença, amplamente difundida na época de que os trabalhadores eram incuravelmente preguiçosos". (HUNT & SHERMAN, 1999, p. 58). Neste sentido, este sistema promoveu um desenvolvimento sem precedentes do progressivo desenvolvimento tecnológico, contrastando tragicamente com a deteriorização da natureza e a vida do próprio homem que vive atrelado no processo produtivo, esquecendo de outras atividades que proporcionam o desenvolvimento social e humano.

> A natureza, então, nada mais é, do que um mundo artificial, que é fruto da ação técnica do homem, o que conduziu a sua sistemática exploração e a facilitação da vida humana na medida em que isto economizou muito espaço e muito trabalho. A natureza é degradada a simples matéria-prima capaz de satisfazer as carências humanas. (OLIVEIRA, 1996, p.183).

Isso se constitui dessa forma, com o desenvolvimento do comércio que se deu a partir da circunavegação das Américas, o surgimento da máquina a vapor, suprimindo a manufatura existente. Na base desse desenvolvimento, a grande indústria criou os mercados mundiais, proporcionando o progressivo fortalecimento da burguesia, estruturando-a num processo cada vez mais forte e extinguindo todas as relações feudais existentes.

A intensificação da indústria está primordialmente interessada em incorporar no processo produtivo, os trabalhadores que saíram do mundo feudal, desempenhando dentro da indústria, a sua força de trabalho na produção de mercadorias. É por isso que, na sociedade moderna é apregoada a todo o momento a necessidade de se estar incorporado no trabalho,

sendo, na verdade, uma ideologia burguesa que otimiza a máxima produção de mercadorias e a distribuição ao consumo.

> A burguesia destruiu todas as relações feudais patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variegados laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou subsistir de homem para homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível pagamento em dinheiro. Afogou nas águas gélidas do calculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas, colocou a liberdade de comércio sem escrúpulos. (MARX & ENGELS, 2002, p. 47 e 48).

Toda esta realidade proporcionou a burguesia, submeter o campo ao domínio da cidade, criando assim cidades enormes, que arranca uma parte significativa da população do meio rural. A burguesia transferiu fabulosos recursos da vida rural à cidade, pondo a nu sua natureza parasitária, assim como seus limites e sua incapacidade para usar em favor do progresso econômico e social os espetaculares recursos de que dispunha.

Através da exploração do mercado mundial, ou seja, a relação de exportação e importação dos produtos, potencializados pelo capitalismo, a burguesia deu caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todo país. A burguesia extermina a indústria nacional, estabelecendo outras em seu lugar, utilizando na fabricação dos produtos, não somente a matéria prima interna, mas outrossim, externa, possibilitando aos produtos acabados desta matéria, retroceder aos mais diversos lugares do mundo.

O domínio da burguesiasubmete as nações bárbaras e semibárbaras aos países civilizados, o oriente ao ocidente. Com a centralização dos meios de produção e a concentração da propriedade em mãos de uma minoria privilegiada, atingiu o seu auge, acentuando cada vez mais o aumento da exclusão social. Esta centralização de poder nas mãos da burguesia é consequência do monopólio político que ocorreu com o processo de transição histórica do modo de produção feudal para o modo capitalista de produção.

> A burguesia desenvolveu-se gradualmente, na medida em que as condições para sua existência foram surgindo, dividiu-se de novo em diversas facções conforme a divisão do trabalho verificada e, finalmente absorveu todas as demais classes possuidoras (...). Estas transformações se produzem na medida em que as formas de propriedade existentes vão se transformando em capital industrial ou comercial. (MARX, 1991, p.32).

Desta forma, na produção capitalista, o operário assalariado recebe pelo seu trabalho uma quantia equivalente à sua sobrevivência. Ele realiza, no processo de produção, um produto que tende lá fora à necessidade de obtê-lo, e isso lhe custa muito mais do que o valor

BIBLIOTECA
18141 10/09/19

recebido no seu trabalho, na atividade de produção e confecção, quer dizer, o indivíduo ganha para produzir. Mas esse valor é devolvido ao detentor dos meios de produção, quando o operário paga para consumir, na verdade, esta é a política do capitalismo, favorecer somente aos donos do meio de produção.

> É tanto processo de produção das condições matérias de existência da vida humana quanto processo que, ocorrendo em relações histórico-econômicos de produção específicos, produz e reproduz essas mesmas relações de produção, e com isso, os portadores desse processo, suas condições materiais de existência e suas relações recíprocas, isto é, sua forma sócio-econômica determinada. (MARX In, OLIVEIRA, 1997, p. 174).

Eis as relações principais, fundamentais do consumo e da produção, o homem no sistema capitalista, tanto é produção como produto. Produção a partir do momento em que é utilizado como meio na produção. Nesse sentido, o operário no capitalismo, não é nada mais, nada menos, que matéria prima; é também consumo. A produção capitalista só pode efetivar-se sob a aparência da liberdade legalizada do contrato, produzindo essencialmente, as condições de escravização do operário.

Uma vez analisando o sistema capitalista, Karl Marx parte do fenômeno social, já que o homem é por natureza um ser social não podendo viver isolado sem relacionar-se com os demais seres de sua espécie. Ele ainda analisa o sistema chamando-o mercantilização universal e de produção mais-valia. O que seria isso na verdade? Bem, o fato de Marx utilizar o termo mercantilização para qualificar o sistema de produção capitalista, ele se propõe e constata que tudo para o sistema capitalista é mercadoria, inclusive o próprio homem que, ao invés de ser sujeito, torna-se sujeitado ao sistema, ou mesmo ao capital.

2.3 O antagonismo entre as classes sociais

É senso comum que, em qualquer sociedade, a vida social está cheia de contradições, as aspirações de uns contrariam as de outros. A historiografia nos apresenta a luta entre povos e sociedades, assim como dentro de seu próprio seio. Além disso, nos mostra uma sucessão de períodos de revolução e de reação, de paz e de guerra.

Nesta perspectiva, o marxismo deu o fio condutor, permitindo elaborar a teoria da luta de classes. Neste ponto, somente o estudo do conjunto das aspirações de todos os membros de uma sociedade permite definir o resultado das aspirações. Isto quer dizer que as aspirações contraditórias têm gênese na diferença de vida das classes em que se divide nas sociedades.

Esta é uma das razões pelas quais Marx e Engels escrevem no "Manifesto do Partido Comunista":

> A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros em suma, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação revolucionaria de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta. (MARX & ENGELS, 2002, p. 45 e 46).

O que os autores querem dizer com esse jogo de palavras? Na verdade, Marx e Engels afirmaram que todo o processo de desenvolvimento da raça humana foi sempre marcado por conflitos, derivados do problema da existência de classes, uma subordinada à outra. A moderna sociedade burguesa provinda do ventre da sociedade feudal não fez nada mais do que colocar novas condições de opressão, criando uma sociedade de classe de novo tipo, a sociedade capitalista, que colocou novos aspectos da luta no lugar das anteriores. Neste sentido, as classes sociais definem-se no terreno da economia, mais precisamente da produção. Marx foi ainda mais preciso, afirmando que essas classes nunca deixaram de existir, apenas foram simplificadas no decorrer da historiografia humana.

> No que a mim se refere, não me cabe o mérito de haver descoberto a existência das classes sociais na sociedade moderna, nem a luta entre elas. Muito antes de mim alguns historiadores burgueses já haviam exposto o desenvolvimento histórico dessa luta de classe e alguns economistas burgueses a sua anatomia econômica, o que eu trouxe de novo foi à demonstração de que: a existência das classes, só se liga a determinadas fases históricas de desenvolvimento da produção, que conduz a ditadura do proletariado. Esta ditadura não é por si, mas que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes. (MARX, In, OCTÁVIO & FLORESTAN, S/D, p. 99).

O supracitado pensador procura em meio aos dilemas sociais de sua época, não apenas detectar os problemas, o próprio afirma, quando diz que não foi o primeiro a perceber as classes sociais na sociedade, mas procurou apontar meios para que essas dificuldades fossem superadas. Na época em que viveu, as duas classes sociais das quais fala-se acima, ainda não eram tão fortes como na Inglaterra e na França, onde a burguesia destruiu o sistema feudal medieval, na Alemanha ainda estava andando em processos lentos. Duas coisas dificultavam seu processo de desenvolvimento; a primeira devido à Alemanha ficar um pouco distante da rota do comércio mundial que era o oceano Atlântico, a outra era as constantes guerras que a Alemanha se envolvia, e que eram travadas em seu próprio solo. Apesar desta realidade encarada pela Alemanha, aos poucos ela foi conseguindo o seu desenvolvimento.

Os diversos cenários que se apresentam no nosso mundo contemporâneo, colocam a época atual, como a época da vitória da burguesia, das instituições representativas de um lado. Do outro, a época das associações operárias e patronais poderosas cada vez mais vastas, mostrando assim, com mais evidência que "a história de toda sociedade existente até hoje tem sido o motor dos acontecimentos de toda história". (MARX & ENGELS, IN HUNT & SHERMAN, 1999, p. 93).

2.4 Proletariado *versus* Burguesia

Em todo o mundo civilizado, a doutrina marxista, suscita a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa, que enxerga no pensamento marxista uma espécie de seita maléfica à sociedade. A constituição da reflexão marxista consistirá no amadurecimento cada vez maior da ideia de os proletários realizar uma revolução, acarretando uma transformação radical da sociedade. Esta ideia, portanto, passará a ser cada vez bem definida e, por consequência, torna-se-á progressivamente mais consistente do ponto de vista filosófico.

Tendo como base a compreensão marxista, interessam-nos, duas considerações relevantes a este assunto: uma se refere à luta econômica e às organizações do proletariado; a outra aborda questões concernentes às tarefas políticas do proletariado.

> Com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não apenas se multiplica; concentra-se em massas cada vez maiores, sua força aumenta e ele sente mais tudo isso (...). Os operários começam a formar coalizões contra os burgueses; reúnem-se para defender seus pensamentos para estarem precavidos no caso de eventuais sublevações. (MARX & ENGELS, 2002, p. 53 e 54).

As duas classes modernas, vivem em conflitos. São proprietários ou não-proprietários dos meios de produção, mantendo relações determinadas entre si. Em decorrência dessas relações, colocam-se em campos opostos: como burgueses que se apropriam do trabalho dos outros, ou como proletários que são os fornecedores de sobre-trabalho. Isto é, trabalho excedente ao mínimo necessário para reproduzir os próprios trabalhadores e as condições materiais da produção, aos primeiros.

Mas, apesar de os operários modernos viverem oprimidos, são eles os mais conscientes porque assim os fizeram, conhecem suas forças e missão e quando a teoria ganha adeptos, ela se torna violência revolucionária. Neste sentido, a busca de favorecimentos, de melhores condições de vida e de trabalho é a fonte de onde brota uma revolução organizada. A burguesia, no entanto, produziu armas para sua própria destruição.

> As armas de que se serviu a burguesia para abater o feudalismo voltam-se agora contra a própria burguesia. Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas os operários modernos, os proletários. (MARX & ENGELS, 2002, p. 51).

Esta asseveração evidencia uma indicação de Marx para todo o longo período de preparação das forças do proletariado para a futura batalha, proporcionada pela própria burguesia. A burguesia na medida em que se desenvolve, desenvolve também o grau de conscientização da classe operária que vive na medida em que encontram trabalho, e só encontram trabalho na mesma proporção que o seu trabalho aumente o capital. No entanto, mesmo que logrem explorar no limite dentro de suas possibilidades os direitos políticos que lhe são assegurados pela ideologia burguesa, os proletários não conseguem dentro da legalidade e das instituições do Estado burguês implantar uma política de socialização dos meios de produção e da extinção de classes sociais.

Como a burguesia é impulsionada pela avidez do dinheiro e do lucro, ela defende incessantemente o processo produtivo como algo que dignifica a vida humana. Expressa-se nestes termos, "o trabalho é importante porque produz riqueza". (DE MASI, 2000, p. 55). Mas produz riqueza para quem? Como a burguesia é a classe que se apropria do trabalho alheio, ela tem mais é que idealizar uma ideologia que defenda o processo produtivo. Esta irá sem sombra de dúvida, assegurar a burguesia como classe dominante.

2.5 Categoria-chave no pensamento de Marx: infra-estrutura e superestrutura

Uma vez estudando os fatos históricos, Marx se apropria do método dialético, buscando explicar as importantes mudanças ocorridas na historiografia humana que ocorre através dos tempos. Na condição de que era necessário encontrar o elemento responsável pela transformação de determinado fato, em outro, que dava prosseguimento ao processo histórico, Marx sempre procurava seus elementos contraditórios. "Marx baseou seu estudo da sociedade capitalista numa abordagem histórica que ficou conhecida como materialismo histórico". (HUNT & SHERMAN, 1999, p. 92). Assim, ele buscou explicar as complexas relações existentes na sociedade, que determinam a direção em que se movem a infraestrutura e a superestrutura.

A partir daí, prossegue Marx desenvolvendo uma concepção materialista da história, afirmando que o modo de produção da vida material de uma sociedade condiciona todo o processo da organização política, da vida social e intelectual de uma época. Desse modo, a

infraestrutura é constituída pela base econômica da sociedade, a qual se eleva uma superestrutura, ou seja, as instituições jurídicas, políticas (leis, Estado) e ideológicas (artes, religião, moral), correspondendo formas de consciência social determinadas de cada época.

Como a época moderna é marcada por transformações econômicas, nesta época é desenvolvida uma ideologia que valoriza o processo produtivo. A superestrutura elabora uma ideologia que centraliza o trabalho. "Uma vez transformado em ideologia, o trabalho passa a ser um valor em si, um dever voltado para Deus, a pátria, a família e para si mesmo". (DE MAIS, 2000a, p. 56). Assim, todas instituições modernas: empresa, Igreja, Estado, até mesmo cada indivíduo particular, passa a elogiar o processo produtivo e a desempenhar atividades cansativas e desagradáveis.

Na perspectiva argumentativa de Marx, as forças produtivas materiais de uma sociedade são: terras, máquinas, ferramentas, técnicas, tudo aquilo que proporciona a produção. Estas entram em contradição com as relações de produção, que são as relações entre os burgueses, com as relações de propriedade: terras, matérias- primas, máquinas e os proletários, possuidores da simples força de trabalho no ventre das quais elas se haviam movido até o momento. Das forças produtivas que eram, essas relações tornam-se seus entraves. Então, inicia-se uma época de revolução social, que buscando a transformação da enorme superestrutura, a partir da revolução da base econômica, a infraestrutura.

> Na produção social de sua existência, os homens contraem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um grau determinado de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, político e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que inversamente determina a sua consciência. Ao alcançarem um certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. Formas de desenvolvimento das forças produtivas que são, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge, então, uma revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura. (MARX, In HUNT & SHERMAN, 1999, p. 93).

A descoberta da concepção materialista da história, a sua efetiva aplicação aos domínios dos fenômenos sociais, se diferencia do antigo materialista por abarcar a ação das normas da população, por estudar as condições da vida das massas e as transformações dessas condições. A estrutura social de uma sociedade se transforma completamente, quando ocorremudanças na sua base econômica. Isto ocasiona a desorganização de todo o sistema,

pois repercutem em todos, as limitações impostas a alguns pontos da estrutura sócio econômica.

Na perspectiva reflexiva marxista a superestrutura é entendida por ordenações política e jurídica, como também as ideologias políticas, religiosas, artísticas e filosóficas, etc, na mesma proporção em que depende da estrutura econômica de uma determinada fase da sociedade.

> A totalidade das relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual corresponde formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, político e espiritual. (MARX, 1996, p.52).

No entendimento de Marx, o homem para suprir suas necessidades entra em relações determinadas de trabalho e de produção, constituindo assim, a consciência do seu ser social. A consciência do homem, que engloba suas crenças religiosas, morais, políticas é determinada pelas ideológicas relações. Em vista disso, Marx foi levado à convicção de que a sociedade assume formas no percorrer de sua história dependendo de suas relações econômicas.

2.6 A relação capital *versus* trabalho

Está na essência do sistema capitalista de produção a relação capital x trabalho, constituindo-se nesse processo sua estrutura. O capital e o trabalho produzem uma relação essencialmente de troca. "O trabalhador vende sua força de trabalho para o capitalista, e com o dinheiro adquire os alimentos indispensáveis para satisfazer suas necessidades básicas". (HUNTE & SHERMAN, 1999, p.97). O fortalecimento da divisão social do trabalho, proporcionado pelo desenvolvimento da industrialização faz aumentar a produtividade do trabalho, a riqueza social e o empobrecimento dos trabalhadores.

Marx não condena o trabalho, mas a forma como ele é imposto na sociedade capitalista. No seu entender, o trabalho consiste antes de tudo, em uma relação entre o homem e a natureza o qual, na luta pela existência, o homem transforma o mundo natural, por meio de sua atividade, a fim de superar carências e necessidades que se apresentam como barreiras à sua reprodução enquanto ser genérico. Assim, o homem apropria-se da matéria natural transformando-a em algo útil para sua própria vida, respondendo de forma essencial e conscientemente ativa as dificuldades impostas pelo ambiente.

> Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo a frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material. (MARX & ENGELS, 2001, p.10).

O trabalho encontra-se no centro da vida do homem, apresenta-se, portanto, como ponto crucial no processo de hominização. Marx defende o trabalho como atividade vital. Para ele, o trabalho é a essência do homem. No trabalho, o homem se realiza e desenvolve sua capacidade, garantindo o seu autodesenvolvimento, a sua plena liberdade. O trabalho apresenta-se como lugar de realização do homem.

Assim, pelo trabalho, o homem se constrói enquanto homem. O trabalho, portanto, se apresenta como uma categoria fundamental da produção e reprodução da vida humana, como atividade primária, necessária e natural. É, portanto, diante de sua atividade que o homem se diferencia dos animais, pois os animais vivem em sua constante luta pela existência, caracterizando-se pela adaptação passiva ao meio ambiente.

> Também o animal produz. Fabrica um ninho, habitações, como fazem as abelhas, os castores, as formigas e etc. Só que o animal produz apenas aquilo de que precisa imediatamente para si, para os filhotes; produz de modo unilateral enquanto o homem produz de um modo universal; um animal produz apenas por imperativo da necessidade física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da necessidade física e o faz verdadeiramente apenas quando está livre dela; o animal reproduz a si mesmo, enquanto o homem reproduz toda a natureza. (MARX, In DE MASI, 2000a, p. 50).

Marx não tem uma visão negativa do trabalho, o que ele faz na verdade, é uma análise do trabalho no sistema capitalista, buscando compreender toda exploração que envolve o homem no processo de produção capitalista. Como defensor do trabalho humano, Marx lança fortes críticas à forma como é desenvolvida a atividade humana, na sociedade capitalista. O capitalismo, ao invés de proporcionar a realização do homem como defende Marx, o escraviza. A sua metodologia não dignifica o homem, mas pelo contrário o explora. Neste sentido, o próprio Marx apreende a ideologia que apregoa o processo produtivo, como uma coisa fundamental na vida humana. Esta ideologia que apregoa o processo produtivo, se transforma rapidamente, por sua vez, em hábito perene e irrenunciável, garantindo a efetivação desta ideia em toda sociedade.

Apesar de Marx defender o processo produtivo, como o centro da vida humana, ele percebe que no sistema capitalista, o trabalhador é explorado o máximo de sua capacidade produtiva. O resultado mais dramático desta realidade acontece na divisão social do trabalho,

onde se acentua cada vez mais a exploração, aniquilando a própria liberdade humana. A realidade provocada pela divisão do trabalho, causa o aniquilamento da liberdade do homem, encaminhando-o a realizar uma atividade forçada, que provoca desgaste mental e fisicamente. O homem só realiza tal atividade para conservar a sua existência, quer dizer, para sobreviver.

> A realização do trabalho aparece na esfera da economia política como desrealização do trabalhador, a objetivação como perda e servidão do objeto, a apropriação como alienação (...) que quanto mais objetos o trabalhador produzir, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio de seu capital. (MARX, 2001, p.112).

Nesse ambiente de intensificação da ofensiva capitalista, o trabalho emerge como algo alheio aos sentimentos do homem. Este além de provocar o desgaste físico, obriga o trabalhador a realizar uma atividade, somente para manter viva a sua espécie. O fato é que, o trabalhador é obrigado a vender sua força de trabalho por necessidade de satisfazer outras necessidades tais como: moradia, alimentação e saúde.

2.7 O salário do trabalhador

"O salário é determinado pela árdua batalha entre o capitalista e o trabalhador". (MARX, 2001, p. 65). É do nosso conhecimento, que o capitalista é o dono dos meios de produção e, consequentemente, dono do trabalho dos trabalhadores. Compreenda-se, entanto, que tal estratégia argumentativa não poderia deixar de introduzir-nos na rede de reflexão da dura realidade, da desvalorização do trabalho do operário que é configurado por uma remuneração baixíssima se compararmos o esforço colocado em prol da construção dos produtos que mais tarde supera o equivalente recebido pelo trabalho, quando ele necessitando deste mesmo produto, já não mais condiz com a totalidade de seu ordenado.

Neste sentido, podemos perceber que apesar do processo produtivo ser tão apregoado na sociedade moderna, ele só beneficia a burguesia, que fica com todo o lucro da produção. Este é o motivo pelo qual Marx, apesar de defender o trabalho como atividade vital na vida humana, ele denuncia a exploração que acontece no sistema capitalista. A ideologia que defende o trabalho vai de acordo com o interesse da classe burguesa. Por isso, o trabalhador não se realiza no processo produtivo, mas no tempo em que está fora do trabalho. "Se perguntarmos a um trabalhador qual é a melhor parte de sua vida, ele dificilmente responderá: é o trabalho manual, que sinto como realização da mais nobre das tarefas humanas". (RUSSELL, 2002, p. 31). Neste sentido, o trabalhador encara o processo produtivo como a única forma de sobreviver.

Na sociedade capitalista, o trabalhador é obrigado a desenvolver alguma atividade, seja ela qual for. Se ele não estiver inserido no processo produtivo, não será aceito no convívio social, pois a ideologia apregoada é que, "quem não trabalha é preguiçoso". Assim, na sociedade capitalista, além do trabalhador ser obrigado a trabalhar, ele não recebe pelo seu trabalho um salário digno. Essa árdua luta do trabalhador, em busca de sobrevivência é um traço que deixa Karl Marx indignado com o sistema capitalista.

Neste contexto, o trabalhador se desespera porque além de estar no mercado à procura de trabalho, ele não recebe uma remuneração de acordo com o esforço empregado naprodução. "E têm bons motivos para se desesperar, porque a organização social atual faz depender mesmo do exercício daquelas atividades, isto é, do trabalho, o direito de obter uma retribuição". (DE MASI, 2000a, p.12). Mas a ideologia produzida pela classe burguesa apresenta o salário como produto do trabalho do trabalhador. O trabalho aparece como fonte de salário, fonte de onde o operário adquire por meio do seu esforço uma parte do seu produto como pagamento.

Essa representação ideológica produzida pela burguesia aparece na sociedade subentendida na relação do trabalhador com o capitalista. O salário neste sentido representa a parte que cabe ao trabalhador por ter desenvolvido uma atividade, sua remuneração. Essa figura cria necessariamente o lucro do capital em funcionamento no processo de produção; representado segundo a ideologia da classe burguesa, o salário da burguesia.

> As condições de trabalho apenas são capital se funcionarem como não propriedade diante do trabalhador e, portanto, como propriedade alheia. Como tais, porém, funcionam somente em oposição ao trabalho. O modo de existência de tais condições opositiva diante do trabalho, transforma seu proprietário em capitalista, e tais condições, por ele possuídas em capital. (MARX, 1996, p. 194).

Com base nessa compreensão é inegável que, quando a produtividade acontece em excesso, quando determinado capitalista tem uma produção acumulada, isto, provavelmente, lhe dará condições suficientes de concorrência no mercado, tornando-se cada vez mais rico e explorando cada vez mais o operário. Neste sentido, o trabalhador não tem apenas que lutar pelos meios físicos de sobrevivência, mas também para alcançar emprego. Da mesma forma que acontece à concorrência no mercado dos capitalistas, o empregado também se torna concorrente em sua classe, porque acontece a super produção.

Esse excesso da produtividade culmina sempre ou no desemprego de boa parte dos trabalhadores ou na redução de seus salários da forma mais absurda possível, pelo fato de

aindústria não ter tanto interesse na alta produtividade. Indiferente a essa realidade que coloca a vida do homem num verdadeiro caos afirma Marx.

> O trabalho em si não só nas atuais condições, mas globalmente, à medida que a sua finalidade se resume ao aumento da riqueza, é danoso e insalubre, e que tal conclusão se tira do próprio argumento do economista se bem que ele não lhe tenha percebido. (MARX, 2001, p. 71).

No mundo capitalista, o homem tornou-se um produto que está sendo negociado e em busca de um comprador, que o capitalista poderá fazer desse produto o que bem deseja. Diante das condições criadas pelo desenvolvimento histórico em geral e pelo desenvolvimento do sistema capitalista em particular, o homem tornou-se escravo regredindo ao remoto passado. A única diferença é que no mundo capitalista o indivíduo não tem consciência de sua escravidão, porque a exploração do trabalhador se reduz de acordo com a ideologia capitalista de exploração do trabalho.

Na obra "O Capital", Marx procura nos mostrar que o capitalismo possui um caráter inumano, alheio aos sentimentos do homem, como também deduz cientificamente o fim desse regime, em vista de suas próprias contradições. Desse modo, para preservar sua existência, o homem é sujeito a qualquer forma de organização, mesmo que esse procure a cada instante aniquilar o seu direito, até mesmo de viver dignamente como todo ser humano tem direito de viver.

> As categorias de salário dos diferentes tipos de trabalhadores variam muito mais do que os lucros nas diversas atividades em que o capital é empregado. Todas as diferenças naturais, culturais e sociais da atividade individual aparecem no trabalho e são remunerados de modo diverso, enquanto o capital inerte mantém um rendimento invariável e é diferente a atividade individual real. (MARX, 2001, p.67).

É conveniente reafirmar, no entanto, que o salário no sistema capitalista, só é alterado a partir do momento em que o produto produzido por ele também atingiu um preço diferente. Todavia, o trabalhador jamais conseguirá se estruturar economicamente porque sua remuneração estará sempre abaixo de sua produção. Desse modo, os donos dos meios de produção são privilegiados porque além de ter o poder produtivo, ainda é superior à força dos trabalhadores que utilizando os meios de produção, os torna cada vez mais poderosos e com capacidade para dominar mais pessoas.

A sociedade capitalista, depois de atingir o ponto máximo de concentração de riqueza em mãos de uma minoria e o empobrecimento de todos os trabalhadores, ocorrerá uma revolução social culminando em uma revolução, a sociedade socialista, uma luta pela

coletivização das riquezas e a distribuição da justiça social. Para Marx, só no socialismo o trabalhador deixaria de ser massacrado pelo sistema que visa apenas o poder financeiro, conquistado por meio da força do trabalhador.

2.8 O processo de alienação no trabalho

Como defensor do trabalho humano, Marx se opõe radicalmente à forma como é desenvolvida a força de trabalho na sociedade capitalista. Assim, Marx parte do desenvolvimento da produção de mercadorias, para analisar o grau de exploração da força de trabalho pelo capital. A mercadoria se apresenta num primeiro momento, como uma coisa que satisfaz qualquer necessidade do homem; em segundo, ela é uma coisa que pode ser trocada por outra. Nesse processo as duas são semelhantes porque são produtos do trabalho humano. Desse modo, os homens criam relações de equivalência entre os mais diferentes gêneros de trabalho, na troca de suas mercadorias.

Neste sentido, a força de trabalho humano aparece na sociedade capitalista, como uma mercadoria cujo processo de consumo é, ao mesmo tempo, um processo criador de valor. O capitalista proprietário dos meios de produção e do capital compra a força de trabalho como o de qualquer outra mercadoria que se encontra no mercado e que está exposta à venda. Tendo comprado a força de trabalho, o capitalista fica com o direito de a consumir no processo de produção.

Nesse processo produtivo, é oculta a exploração, no plano da produção, aos olhos do trabalhador. O trabalhador não percebe a sua exploração. "Tal fato implica apenas que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como ser estranho, como um poder independente do produtor". (MARX, 2001, p. 111). Nesse sentido, a alienação que envolve o trabalhador no sistema capitalista, se configurando concretamente no ato da produção.

Nesta perspectiva, o trabalhador é propriedade do capitalista que o manipula a realizar uma atividade desumana, pois o seu trabalho é considerado uma mercadoria e pago como tal. Como propriedade de outrem, o trabalhador não pertence mais a si mesmo, pois o capitalista e o trabalhador, como sujeitos livres e plenos de direitos realizaram um contrato de trabalho. Tal contrato fez com que o trabalhador entregasse a sua única propriedade, sua força de trabalho. Sua única alternativa agora é produzir mercadorias que favoreçam o crescimento do seu dono. Nesse processo de produção, o trabalhador não tem consciência que, ao produzir mais riqueza para o capitalista, produz ao mesmo tempo a sua própria escravidão.

O processo de produção se constitui em um dispêndio de energia humana, seguindo uma forma específica no sentido de produzir objetos que enaltecerão cada vez mais o capitalista, favorecendo no acúmulo de propriedade nas mãos do capitalista. Com o processo produtivo orientado para este fim, "a propriedade privada, constitui o resultado, a consequência necessária do trabalho alienado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo". (MARX, 2001, p. 120). Com a propriedade privada não é eliminado o trabalho do homem, pelo contrário, esta o envolve numa dinâmica cada vez mais de exploração alienante, apropriando-se da vida humana.

A propriedade privada, consolidando seu domínio sobre o homem, torna-se a arma mais forte no sistema capitalista contra o trabalhador. Neste sentido, ela coloca o homem num estado de escravidão, deixando-o na mais amarga situação. Com isso, Marx quer dizer que o trabalhador inconscientemente é responsável pela produção da riqueza do capitalista e a miséria de sua classe.

3 O CONCEITO DE TRABALHO NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL À LUZ DO PENSAMENTO DE DOMENICO DE MASI

3.1 O nascimento da sociedade pós-industrial

O contexto que demarca o nascimento da sociedade pós-industrial é de significativas transformações. Essas transformações, alicerçadas pela expressiva revolução tecnológica, têm engendrado alterações substantivas no processo produtivo.

Uma convenção geralmente aceita no marxismo e, particularmente, por Bottomore designa o processo produtivo como condição da existência humana. Este processo é comum a todas as formas de sociedades, porém cada sociedade organiza-o de acordo com os seus interesses. As relações sociais de produção apresentam-se como elemento fundamental para a definição desta terminologia."Essa explicação que define épocas da história de acordo com um modo dominante de produção e a revolução como a substituição de um modo de produção por outro". (BOTTOMORE, 2001, p.267). Assim, quando um modo de produção está para desaparecer, dele emerge os elementos necessários para o florescimento de outro.

> Uma nova forma de organização industrial e de relacionamento entre o capital e o trabalho, mais favorável quando comparada ao taylorismo/fordismo, uma vez que possibilitaram o advento de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional, polivalente. (ANTUNES, 2003, p. 48).

Em decorrência dessas mudanças, aconteceram alterações no conceito e nas formas da estrutura produtiva até então vigentes. Essas transformações ocorridas na sociedade atual são percebidas por uma parcela diminutiva da humanidade. Somente depois de muitos anos, é que se pôde perceber com clareza o que realmente é a sociedade que está sendo convencionada como pós-industrial. Assim, aconteceu com a sociedade rural quando se passou a sociedade industrial.

Na panorâmica reflexiva de De Masi (2000) uma nova sociedade emerge a partir dos anos cinquenta do século XX, nascida do modo de produção industrial, trazendo consigo um conjunto paradigmático de novos valores para o mundo do trabalho. Isto significa dizer, que nos encontramos neste final de século XX num momento de uma extraordinária e profunda inovação, nos valores da estrutura produtiva. São valores de toda ordem, implicando, principalmente, na reestruturação do modelo produtivo. A efetivação desses modelos condicionantes indica questões as mais diversas para o contexto atual que apresenta uma forte predominância de um processo baseado não mais no trabalho manual, mas que exige do

trabalhador, criatividade. Esse cenário resultante das novas tecnologias e do desenvolvimento organizacional no sistema de produção proporciona não mais a predominância da produção de bens materiais, como acontecia na sociedade industrial, mas a produção de idéias.

> Na sociedade industrial, como já disse, o eixo central da economia consistia na produção de bens materiais: objetos como geladeiras, automóveis e assim por diante. Portanto, produtividade consistia em produzir o maior número de objetos desse tipo no menor espaço de tempo possível. Hoje, na sociedade pós-industrial, o baricentro da economia deslocou-se para a produção de bens imateriais, isto é, de idéias. Portanto, a produtividade agora consiste em obter a máxima quantidade de idéias no menor tempo possível. (DE MASI, 2001, p.13).

O desabrochar desse novo modelo de sociedade, proporcionado pelo advento de revoluções no campo científico e tecnológico apresenta um novo conceito para o termo trabalho, diferente do existente na sociedade industrial. O prelúdio da sociedade industrial é extremamente radical, sendo apregoada pelo Iluminismo que defende uma racionalidade que prioriza o fazer técnico do homem, contrapondo ao sentimento. Esta virada de história apregoada pelo Iluminismo reduziu-se ao controle técnico da natureza e dos homens, mostrando friamente a estupidez da vida humana, inserida nas relações de trabalho e de dominação, reduzindo o homem a um simples acessório da máquina produtiva. Assim, o conceito de trabalho na sociedade industrial resumia-se a ação produtiva do indivíduo.

Diferentemente da sociedade industrial, surge uma nova organização no processo produtivo na sociedade pós-industrial. Eis aí a essência constitutiva na nova sociedade, que:

> ... se fundamenta num padrão produtivo organizacional e tecnologicamente avançado, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada dos computadores no processo produtivo. (ANTUNES, 2003, p. 52).

O advento da sociedade pós-industrial seja em sua versão oferecida pelo tempo livre, seja em sua versão humanitária, pode talvez ser adequadamente caracterizada pela chamada revolução tecnológica. Essa revolução traduz, em suma, uma mudança profunda no conceito de trabalho. Vê-se, por conseguinte, que essa mudança significa, na verdade, o surgimento de um novo modo de produção, tendo como chave semântica fundamental à mudança do fazer produtivo que define a presença do ser humano na sociedade. Nesse sentido, ocorre com a sociedade pós-industrial, profundas transformações proporcionadas pela revolução técnico-científica, engendrando um novo modo de produção.

Este novo modo de produção revoluciona o anterior, provocando a mudança da rotina fatigante do trabalho, o desgaste e a neurose do trabalhador da sociedade industrial. No

sistema pós-industrial, além de não correr o risco da queda da produtividade manual, o qual é realizado agora em sua imensa maioria pelas máquinas, impõe uma nova mentalidade capaz de integrar os aspectos manual e intelectual do trabalho. Ao contrário da sociedade industrial que baseava o processo produtivo na padronização de bens materiais, a sociedade pós-industrial se baseia na diversidade de ideias, no fluido, na criatividade e na estética. A revolução tecnológica, ao liberar o homem da fadiga corporal, forneceu-lhe recursos novos, que viabiliza novas experiências sensoriais de nível introspectivo e de convivência. Desse modo, essa mentalidade produtiva faz alvorecer um mundo que incorpora um novo conceito de trabalho.

> A nova sociedade, sequência ampliada da sociedade industrial para Daniel Bell, caracteriza-se principalmente não mais apenas pelo predomínio numérico dos trabalhadores dedicados ao setor terciário. A isso juntam-se outros quatro princípios fundamentais: a preponderância dos técnicos e profissionais liberais como classe; a centralização do saber teórico, gerador da inovação e das idéias diretrizes em que se inspira a coletividade; a gestão do desenvolvimento técnico e o controle normativo da tecnologia; a criação de uma tecnologia intelectual. O conhecimento e a nova tecnologia assumem um papel central na nova sociedade. (DE MASI, 2000a, p. 172).

O predomínio desses modelos produtivos ocasionou a mudança do conceito de trabalho na sociedade industrial para pós-industrial; na primeira (sociedade industrial) caracterizada pela grande fábrica, pelo ritmo da máquina imprimindo a natureza do trabalho, na segunda (pós-industrial) ao conceito do novo processo produtivo que integra de uma só vez: a ciência, a tecnologia, o progresso organizativo, a criatividade, a estética, etc. O conjunto desses fenômenos é determinado pela globalização que reuniu em um só tempo às transformações que estão em curso na sociedade atual: a mundialização da economia, da ciência, das artes e da cultura em geral, a revolução da informação através da tecnologia e dos meios de comunicação e transportes, etc. Isso é tão evidente que se torna senso comum, hoje, falar em sociedade global.

Na verdade, a globalização é esse processo de integração entre as economias e sociedades dos vários países do mundo. Com o progresso tecnológico, o mundo tornou-se pequeno, pois oferece a todos a possibilidade de receberem notícias reunidas e transmitidas de todos os lugares do mundo. Igualmente é globalizada a produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros, e à difusão de informações. "O mundo inteiro escuta as mesmas canções, assiste aos mesmos filmes e tende aos mesmos costumes".(DE MASI, 2000b, p. 141). A globalização é uma das fases cruciais da história da humanidade; através da eletrônica

e da informática ela permite colocar no mesmo ambiente virtual e no tempo real, indivíduos de pólos mundiais diferentes.

> As cinco da tarde já é escuro, os bares estão todos fechados, todo mundo esta em casa. A televisão cria, de fato, a aldeia global. De uma hora para outra, oferece a todos a possibilidade de entrar por toda parte: nas ricas mansões e nos grandes teatros, até mesmo no Eliseu ou na casa Branca. E, de repente, Bill Gates, Roberto Marinho e um camponês do Rio Grande do Sul assistem ao mesmo telejornal. (DE MASI, 2000b, p. 78).

Nesta complexa sociedade globalizada em que o homem atual está vivendo, o caminho mais abrangente e satisfatório é o da ciência e da tecnologia que o incorpora numa visão de totalidade. O homem, como sujeito do processo do conhecimento, faz parte do próprio universo que ele objetiva conhecer. Neste mundo globalizado, o conhecimento e o poder estão intimamente relacionados, pois:

> ... o capital iniciou um processo de reorganização das suas formas de dominação societal, não só procurando reorganizar em termos capitalistas o processo produtivo, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia nas mais diversas esferas da sociedade. (ANTUNES, 2003, p. 48).

Assim, a racionalidade da tecnologia científica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio encarnada pelo capital.

É inegável que este cenário que demarca a sociedade atual, globalizada, se caracteriza num acontecimento de mega envergadura, uma vez que, na esteira das novidades que lhe são intrínsecas, providenciais à existência na terra, está, paradoxalmente, contidos os efeitos colaterais que desafiam a racionalidade humana. Em contraste com as intensas possibilidades de desenvolvimento material e intelectual da sociedade pós-industrial, produzida pela revolução tecnológica, com a consolidação dos avatares do homem selvagem primitivo, no cidadão da sociedade atual.

Com a eletrônica e a informática vivenciamos uma das fases cruciais da história da humanidade. As viradas do século e do milênio que se processaram simultaneamente provocaram na maioria das pessoas uma receosa expectativa, desconfiança e indagações. É inegável que isso se caracterize num acontecimento que traz muitas transformações, implicando, inclusive, em novos horizontes geopolíticos do mundo sob a égide da globalização da economia, que traz consigo: a exclusão social e a justificativa ideológica. A essa o fim das ideologias existentes, da história apregoando o neoliberalismo como novo e a única possibilidade de ajuste, de sobrevivência, ainda que a um alto custo social.

Neste sentido, a época atual constitui pesada ata de acusação ao capitalismo, incapaz não só de promover esse desenvolvimento, como de favorecer os mínimos meios de subsistência de gêneros de primeira necessidade, saldo dos conflitos armados que varrem impiedosamente da face da terra multidões de pessoas. E por isso afirma Antunes:

> As novas técnicas de gerenciamento da força de trabalho, somadas a liberação comercial e às novas formas de domínio técnico-científico, acentuaram o caráter centralizador, discriminador e destrutivo desse processo que tem como núcleo central os países capitalistas avançados, particularmente a sua tríade composta pelos EUA e o Nafta, a Alemanha à frente da união européia e o Japão liderando os países asiáticos, com o primeiro bloco exercendo o papel de comando. (ANTUNES, 2003, p. 32).

Nesse sentido, centenas de nações se debatem nesse cenário, em problemas sociopolíticos e econômicos agudos e aparentemente insolúveis, cujas causas têm sua origem exatamente nos países que se encontram na dianteira do progresso econômico, favorecido pelo desenvolvimento do novo processo produtivo.Esses importam riquezas e exportam miséria e violência aos países periféricos do mundo.

Este desenvolvimento que proporciona a parcimônia de energia física e o deleite de um séquito de pessoas converte-se num imensurável dispêndio para a esmagadora maioria dos habitantes da terra, pois não lhes custa apenas o trabalho, dinheiro, mas o direito de existir. Com isto, esse modelo de sociedade acaba impondo padrões que eliminam as peculiaridades de cada região, estabelecendo-a novas, às quais obrigam a aceitação e integração dos Estados nações. Isto acontece na própria estrutura produtiva, onde os países que se encontram à frente do progresso econômico varrem impiedosamente dos países periféricos a sua cultura, impondo uma cultura de acordo com o seu modelo produtivo.

3.2 A organização do trabalho na sociedade pós-industrial

O Renascimento foi o momento decisivo e propício ao prelúdio da sociedade industrial, que mudou radicalmente sob todos os aspectos as relações e a organização do modo de produção agrícola e artesanal. "Não se pode organizar o trabalho na grande indústria sem obrigar milhares de pessoas, que antes desenvolviam uma outra atividade no próprio lar, sem sair de casa e ir para a fábrica". (DE MASI, 2000b, p. 59). Essa mudança consistiu em colocar para trabalhar dentro de uma mesma fábrica, artesãos que até então atuavam dispersos e individualmente nas oficinas, com a obrigação de realizar seu trabalho de modo integrado.

Todavia, por traz destes acontecimentos está a expansão mercantil que apresenta necessidade de dispor de uma forma de produção de mercadorias de maior volume, dando ao seu fluxo um horizonte mais lato, sem limites e obstáculos da produção artesanal. Esse novo modo de produção que aumentou consideravelmente a capacidade produtiva e o volume das trocas é a antiga manufatura, que reúne, organiza e sincroniza o movimento conjunto dó trabalho dos artesãos. Com a introdução de um sistema de controle e regulação cronométrica, a manufatura não faz desaparecer o processo produtivo artesanal, ao contrário, o reorganiza como faz agora a tecnologia e a automática com o processo industrial.

> Antes do advento industrial, a oficina do artesão constituía a célula primária e o modelo mais difundido da organização do trabalho. O segredo do seu duradouro sucesso residia na forte coesão e concentricidade dos elementos que a compunham: a habitação e a oficina conviviam sob o mesmo teto e muitas vezes ocupavam o mesmo espaço. Os trabalhadores eram também, em grande parte, os próprios membros da família artesã e proprietários da casa-oficina e dos poucos meios de produção (...). O mercado era restrito e muitas vezes o cliente colaborava com o projeto do objeto, conferia aos poucos o processo produtivo e o seu andamento. (DE MASI, 2000a, p. 110).

Nesse sentido, a organização do trabalho na sociedade industrial centralizava a exploração produtiva nos braços, no esforço físico. Os operários que manuseiam as máquinas são espécies de robôs programados para desempenhar uma determinada função.

A esse propósito vale lembrar um fenômeno da estrutura produtiva frequentemente observado e analisado e que age provavelmente como um dos fatores principais da sociedade pós-industrial. Enquanto a sociedade industrial explora a força física de trabalho, avançando em ritimo vertiginoso em bens materiais, a sociedade pós-industrial permanece fundamentalmente dentro do campo intelectual, das atividades virtuais e da criatividade que serão propostos ou dominantes ao longo do século XXI. A virada do século XX a que assistimos atônitos ao simultâneo limiar do novo século confirma, incontestavelmente, essa situação, na medida em que na sociedade pós-industrial dominam alguns elementos que acabaram por definir-se no final do século XX e cujas numerosas variantes alimentam até os dias atuais.

> Em vez de se limitar a explorar a força de trabalho muscular dos trabalhadores, privando-os de qualquer iniciativa e mantendo-os enclausurados nas compartimentações estritas do taylorismo e do fordismo, podiam multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, os dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtualidades da inteligência. (BERNARDO, In ANTUNES, 2003, p. 45).

Neste prisma, o advento da sociedade pós-industrial apresenta-se como uma profunda revolução, inaugurando um novo modelo de produção, baseado não mais na exploração do trabalho corporal, mas intelectual.

Essa nova sociedade inaugura um novo modelo de vida, baseado no saber e na produção não de bens materiais, mas de bens imateriais tais como: informações, serviços, moda,etc, todos sob a égide da criatividade. A dinâmica desse modelo de vida anuncia grandes transformações no processo produtivo e nas suas organizações. Essas transformações alteraram substantivamente a organização do trabalho, diferentemente da sociedade industrial que incorporava um modelo de produção, alojando muitos operários dentro de uma fábrica a cujo ritmo de produtividade obedeciam. A sociedade pós-industrial baseia-se em valores que exigem do trabalhador não mais um trabalho monótono, repetitivo, pois estes são executados pelas máquinas, mas um trabalho que exige criatividade.

> As transformações em curso determinam a rápida eliminação da fadiga física, a drástica redução do horário de trabalho, o maciço deslocamento da atenção do lugar e do tempo da produção material para os lugares e tempos de reprodução, da introspecção, do convívio, do jogo, da amizade, do amor; do que Agnes Heller chamou de necessidades 'alienadas' do poder, da posse e do dinheiro. (DE MASI, 2000a, p. 225).

É notório observar que, quando um modo de produção se exaure, ou seja, não consegue mais assegurar o funcionamento da produção e da circulação dele,emergem as condições objetivas para a sua substituição. " O modo de produção industrial é um modo de produção 'histórico', isto é, cronologicamente circunscrito. Como todas as coisas históricas, iniciou-se no tempo e no tempo, mais cedo ou mais tarde, acabar". (DE MASI, 2000a, p.276). A historia tem confirmado essa dinâmica. A compreensão desse quadro parte do pressuposto de que o advento da sociedade pós-industrial foi proporcionado pelo desenvolvimento da sociedade industrial. Nesse sentido, todo investimento aplicado na produtividade tecnológica, pelos organizadores da produção nas fábricas, viabilizou o surgimento do novo modelo de produção. "Com a pesquisa industrial em grande escala, a ciência, técnica e valorização foram inseridas no mesmo sistema". (ANTUNES, 2003, p. 121). Nessa mudança, a sociedade pós-industrial aparece como um novo período histórico, convertendo a ciência e a técnica em forças produtivas.

O resultado mais dramático da revolução tecnológica é a expansão cada vez maior dos elementos que se apresentam como mola propulsora da dinâmica do sistema pós-industrial. Esses elementos são constituídos pela: ciência, tecnologia, a globalização, o

progressoorganizativo, a escolarização,etc, atuando juntos na sociedade atual. Este é o motivo pelo qual, a produção não se limita mais ao interior de uma fábrica, como acontecia na sociedade industrial. "Há uma expansão do que Marx chamou de trabalho social combinado no processo de criação de valores de troca, no qual trabalhadores de diversas partes do mundo participam do processo produtivo". (ANTUNES, 2003, p. 191). Nessa sociedade globalizada a produção é fragmentada, pois cada parte de um objeto é produzido em diferentes lugares do mundo. Torna-se, neste sentido, difícil especificar o lugar da produção de um objeto ou mesmo de uma pesquisa.

> Ao contrário do que acontece na sociedade industrial, hoje ficou extremamente mais complicado especificar o lugar da produção de qualquer objeto. Qualquer instrumento de informática, por exemplo, é fruto de variadas pesquisas e variados componentes, executados em laboratórios e oficinas espalhados por quase todo o mundo. As informações que ele recolhe e difunde são obtidas, manuseadas e distribuídas por toda parte. (DE MASI, 2000a,p.195).

O que nos deprime, diante deste avanço tecnológico, é que ele não é utilizado para sanar os problemas pertinentes à miséria existente na terra. Neste sentido, esse progresso caminha lado a lado com a injustiça na distribuição de seus frutos, atacando o meio ambiente e pondo em risco o futuro de toda a humanidade, com o descalabro da miséria absoluta que cria "sub-raças" em vários países do mundo. Com isto, o globo terrestre se dilacera em blocos econômicos e comerciais, cada qual representado por um país com vocação de líder, seja no campo da economia ou da guerra.

Nesse mundo globalizado, paradoxalmente, o itinerário trilhado pelo homem é ao mesmo tempo de racionalidade e irracionalidade crescentes. Embasados nessa reflexão compreensiva, podemos perceber que, de um lado a comunicação proporcionada pela informática vence as determinações de espaço e tempo, reunindo no mesmo ambiente virtual e no tempo real, cidadãos de pólos mundiais opostos; do outro as guerras étnicas dividem e aniquilam milhões de pessoas.

3.3 Sociedade industrial *versus* sociedade do mais trabalho

A sociedade industrial está centrada num modelo paradigmático que valoriza o processo produtivo. Apesar das grandes e efetivas mudanças que ocorreram no modo de produção, proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico, a sociedade industrial apregoa o trabalho como a coisa mais importante da vida. Essa mentalidade defensora do trabalho se

embasa numa racionalidade produtiva que prioriza a reprodução do capital a nível planetário. Nesse sentido, a dinâmica da sociedade industrial é imposta pelo desenvolvimento do capital, que apregoa e desenvolve um modelo de sociedade que objetiva o lucro produzido pelo trabalho.

Convém lembrar que, segundo o entendimento de Masi, a sociedade industrial é convencionada assim, pelo fato de valorizar o processo produtivo."Foi com o advento da indústria que o trabalho assumiu uma importância desproporcionada, tornando-se a categoria dominante na vida humana". (DE MASI, 2000b, p. 147). A crítica que levanta o autor é crucial para o entendimento do modelo de sociedade a qual o próprio idealiza.

> O empreendimento societal por um trabalho cheio de sentido e pela vida autentica fora do trabalho, por um tempo disponível para o trabalho e por um tempo verdadeiramente livre e autônomo fora do trabalho - ambos, portanto, fora do controle e comando opressivo do capital – convertem-se em elementos essenciais na construção de uma sociedade não mais regulada pelo sistema de metabolismo social do capital e seus mecanismos de subordinação. O que me leva a concluir indicando os fundamentos societais básicos para um novo sistema de metabolismo social. (ANTUNES, 2003, p. 178).

Essa nova sociedade idealizada por Masi não teria o trabalho como norma de funcionamento da sociedade, mas pelo contrário, o ócio seria o ponto crucial para o desenvolvimento social. Esse início do século XXI sugere a confirmação da assertiva de que, a recuperação e a valorização do tempo livre é a melhor alternativa para se livrar de uma vez por todas da sociedade industrial, que apregoava a dignidade do trabalho.

Assim, a razão conquistada pela sociedade industrial erigiu como destruidora do mito, da magia, do medo e da alienação as forças naturais, que vigorava nas sociedades precedentes. "O iluminismo e a industrialização conquistaram à razão um trono do qual ela reinou primeiro com otimismo e sabedoria, depois e aos poucos com pessimismo e tirania". (DE MASI, 2000a, p. 232). Com a capacidade de dominar a natureza e o próprio homem através do seu modo de produção, como nunca se presenciou na história humana, essa racionalidade produtiva tornou o homem vítima de um mito mais potente e sofisticado: o progressivo desenvolvimento produtivo, que apregoa a ideologia que todos devem ser produtivos, o que só ocorre pelo processo produtivo.

A ciência e a técnica que vieram para libertar o homem da visão mágica do mito tornou-o vítima do progresso e da racionalidade produtiva. Em suma, a razão produtiva tão decantada, não é mais que razão instrumental, domínio totalitário e ideológico. Neste prisma, é preciso empreender uma crítica geral, negativa, desconstruir esse novo mito. Cabe a esta

crítica resgatar o indivíduo em sua totalidade. A sociedade industrial ao se atrelar ao mundo do trabalho promoveu em cada indivíduo o descuido de si e dos outros.

Nesta perspectiva, não há dúvida, que todo desenvolvimento tecnológico ocasionado pela precisão do sistema industrial, deveria proporcionar o prolongamento do tempo ocioso do trabalhador, serve ao contrário, para aumentar cada vez mais a produtividade. Assim, o uso das máquinas favorecido pelo desenvolvimento tecnológico, em vez de contribuir em maiores oportunidades de tempo livre, acelera o embrutecimento físico do trabalhador, aniquilando "o monopólio da criatividade, da ambigüidade, da idéia vaga, da ironia, do imprevisto, da mudança, da descontinuidade, da complexidade, do riso, do pranto, de tudo aquilo que o torna humano"(DE MASI, 2000a, p. 232).

Neste sentido, podemos afirmar que o progresso material conquistado pela utilização das máquinas não serviu para melhorar a qualidade de vida da sociedade. O progresso material, que deveria ter sido aplicado para libertar o trabalhador do embrutecimento corporal, foi aplicado no aumento da produtividade tornando a vida do trabalhador cada vez mais estressante e insuportável. A sociedade industrial se preocupou basicamente com o progresso material, centralizando a preocupação no processo produtivo, em contrapartida dos problemas éticos, estéticos e filosóficos.

> Sabemos medir, mas não sabemos amar e viver, refletir e dialogar melhor do que faziam os gregos. Eles aplicaram à exaustão seu coração e sua força à solução dos problemas éticos, estéticos e filosóficos. A esses problemas, que consideraram uma questão de vida ou morte, de felicidade ou desespero, subordinaram o potencial da vida econômica e a comodidade da vida cotidiana. Durante dez séculos, todas as maiores inteligências do Mediterrâneo grego foram preparadas, educadas, aguçadas, enobrecidas e exaltadas para atingir o auge da beleza e da verdade. (...). Com a mesma fúria, selecionamos, adestramos, gratificamos e colocamos em disputa milhares de engenheiros para inventar soluções cada vez mais ousadas para os nossos problemas práticos. (DE MASI, 2000a, p. 237).

É justamente dentro desse quadro institucional que se apresenta à sociedade pós-industrial, em suas tendências mais representativas, encontrando seu lugar e adquirindo sua fisionomia que a caracterizará definitivamente, como síntese do processo histórico. "O lado aproximativo da sociedade rural e a precisão da sociedade industrial podem ser considerados tese e antítese de um processo histórico finalmente capaz de chegar, com a sociedade pós-industrial, a uma síntese equilibrada". (DE MASI, 2000a, p. 232). Essa síntese se apresentará na perspectiva da possibilidade de se reconstruir um novo conceito de trabalho, resgatando do passado o que a sociedade industrial ignorou. Os valores que torna o homem humano.

> É preciso recuperar muitos aspectos do sistema aproximativo, que não será mais aquele tosco e primitivo da era rural. Enriquecido pela experiência industrial, deverá alargar seus limites de oportunidade, conjugando lucidez racional com calor emotivo. (...). O aproximativo recoloca o sujeito no campo das suas especulações, que recupera o flexível e o imprevisto, que derruba as barreiras entre o exterior e interior, entre forma e conteúdo, entre presente e futuro. Uma aproximação pós-moderna, capaz de valorizar a experiência solidária do terceiro setor, de reduzir o estresse do trabalho, de inaugurar novas formas desestruturadas de organização e novas formas criativas de ócio. (DE MASI, 2000a, p.239).

Resgatar o passado muitas vezes é tido como um saudosismo piegas e desnecessário, fora de contexto, quase uma negação do moderno, como prática de quem não consegue viver a presente realidade e, portanto, no passado refugia-se. "As tradições constituíam um elemento de persistente prevaricação do passado sobre o presente e o futuro". (DE MASI, 2000b, p. 73). O passado que a sociedade pós-industrial resgatará não é uma reminiscência descontextualizada, mas a certeza que o conceito de trabalho construído na sociedade industrial que prioriza extremamente o processo produtivo, pode ser evitado hoje, na sociedade pós-industrial, servindo ao mesmo tempo para elucidar o futuro.

4 UMA NOVA CONCEITUAÇÃO DE TRABALHO COMO VALORIZAÇÃO DO ÓCIO

4.1 Prevalência do carácter ideológico do trabalho

Reconstruir o conceito ideológico do trabalho como vetor que possibilita o desenvolvimento humano não é só instigante como também se constitui um benefício para a humanidade, sobretudo se levando em conta o contexto atual, em que as mudanças se processam com tamanha rapidez no processo produtivo. É neste sentido, que a sociedade pós-industrial traz consigo a necessidade de construção de um novo conceito de trabalho, diferente do predominante na sociedade Industrial. Assim, este novo conceito de trabalho será capaz de construir um novo sistema social, um novo modelo de produção, fundado em outros valores que não seja exclusivamente o lucro, como a sociedade precedente.

Neste sentido, a sociedade pós-industrial apresenta-se como uma nova revolução, que constrói um conceito de trabalho, diferente da sociedade industrial que implantou a ideologia da necessidade imperiosa da produtividade, o que só ocorre pelo trabalho. Como tal, a sociedade industrial construiu como ponto de referência ideológico a ideia de que todos devem ser produtivos, porque o trabalho é bom, produz riqueza. Essa ideia foi conservada de uma maneira tão consistente, que, "o conceito de trabalho permaneceu impregnado no nosso inconsciente pessoal e coletivo como algo devorador e avassalador que está acima de todas as coisas e do qual quase tudo depende" (DE MASI, 2000a, p.12). A construção desta mentalidade está de acordo com a dinâmica do sistema capitalista, que organizou o processo produtivo, reproduzindo as ideologias burguesas, que apregoa a máxima que todos devem trabalhar.

> O dever de trabalhar – essa neurose que, segundo Lafargue, dominava na sua época as classes operárias dos países capitalistas – agora obceca principalmente os empregados, os executivos, os profissionais e os dirigentes das classes burguesas, onde quer que vivam. Assim, todas as manhãs, enquanto o subproletariado do terceiro mundo desperta em – Rio de Janeiro como em Pequim, em Benares como em Kinshasa – põe-se à cata de recursos para sobreviver e para matar o tempo até a noite; enquanto o proletariado do Terceiro Mundo vai para as fábricas, onde consumirá às oito horas do seu contrato coletivo. (DE MASI, 2000a, p. 300).

Neste sentido, a sociedade pós-industrial emerge como possibilidade de reconstruir a sociedade, baseando seus valores, não somente no processo produtivo. No entanto, esta mentalidade nasce como uma ameaça inquietante ao modelo que se estabeleceu na sociedade

industrial. O conceito de trabalho na sociedade industrial incorporou uma ideologia que centraliza o trabalho, proporcionando assim, o processo de valorização do capital a nível planetário. Nesta dinâmica ela segue a lógica histórica do capitalismo que busca maximizar os lucros dos grandes monopólios do capital financeiro, por meio da impiedosa exploração das nações dependentes e das massas de trabalhadores, contrariando assim, as imensas possibilidades de desenvolvimento do tempo livre do homem.

Apesar de todo avanço tecnológico, o homem atual continua atrelado ao processo produtivo. O uso das máquinas em vez de contribuir no prolongamento do tempo livre do homem hodierno, serve para aumentar o seu tempo de trabalho e ampliar a produtividade. "Os responsáveis pela organização produtiva, tomados de euforia comercial, em vez de desfrutarem das inovações tecnológicas para produzir os mesmos bens em menor tempo, preferiram produzir sempre mais bens no mesmo tempo". (DE MASI, 2000a, p.281). O homem moderno que acredita ter alcançado o mais alto nível de racionalidade no processo produtivo, deixou de ser um ser de razão e tornou-se de produção, vivendo exclusivamente em função do trabalho.

Que racionalidade é essa, que por um lado proporciona ao homem a invenção das inovações, nunca visto antes na história humana, mas que pelo outro, retira do próprio homem o direito de desfrutar do seu tempo livre? O homem atual que afirma ser racional, por ter desenvolvido muitas inovações, não trabalha mais que o homem primitivo? Nesta perspectiva, o homem se encontra numa situação constrangedora, pois ele possui condições suficientes para diminuir o seu tempo de trabalho e, no entanto, este tempo é cronometrado, numa gradatividade aumentativa nunca visto antes. "A sociedade do crescimento foi também à sociedade do trabalho. A vida dos homens foi construída em torno do trabalho". (DAHRENDORF, In DE MASI, 2000a, p. 278). Neste sentido, a sociedade industrial pode ser denominada como a sociedade defensora do processo produtivo.

> Apesar do significativo avanço tecnológico encontrado (que poderia possibilitar, em escala mundial, uma real redução da jornada ou tempo de trabalho), pode-se presenciar em vários países, como a Inglaterra e o Japão, para citar países do centro do sistema, uma política de prolongamento da jornada de trabalho. A Inglaterra tem a maior jornada de trabalho dentre os países da União Européia, e o Japão, se já não bastasse sua histórica jornada prolongada de trabalho, vem tentando, por meio de proposta do governo e dos empresários, aumentá-la ainda mais. (ANTUNES, 2003, p.33).

Desta mentalidade que supervaloriza o processo produtivo, emerge o sistema pós-industrial que apresenta um novo conceito de trabalho, capaz não só de integrar, vida, ócio e

trabalho no mesmo espaço, como também de proporcionar uma melhor redistribuição de trabalho, de saber, de poder e de riqueza, assegurando uma vida com melhor qualidade. "Uma vez libertos da tirania do trabalho, homens e mulheres poderiam ser livres para se dedicarem a atividades de seu exclusivo interesse". (RUSSELL, 2002, p.9). O processo produtivo, que na Grécia era delegado aos escravos, pode finalmente, na sociedade pós-industrial ser delegado às máquinas. Libertos do esforço físico, como também da parte mais tediosa do trabalho intelectual, o homem pós-industrial pode finalmente desenvolver atividades mais contemplativas.

4.2 Trabalho: principal objetivo da vida

O processo produtivo que prevaleceu na sociedade industrial mostrou-se particularmente fecundo na vida do ser humano. Assim, a sociedade industrial apregoou o trabalho como a matriz da existência do ser humano, desenvolvendo um complexo conjunto ideológico de ideias que tornou-se dominante no pessoal e coletivo das pessoas. "Na sociedade industrial a riqueza foi distribuída, sobretudo com base na quantidade e na qualidade do trabalho produtivo desenvolvido por cada um. Se você não trabalha, não come": (DE MASI, 2000a, p.18). A elevação do processo produtivo como objetivo da vida, representa provavelmente uma revolução mais profunda no modo de produção, que encarna na sociedade a defesa do trabalho. O advento desta mentalidade que supervaloriza o processo produtivo, eleva a produção estritamente ao desenvolvimento do progresso material, ignorando outros valores que torna o homem humano.

> Por milhares de anos, até o advento da indústria, os que ocupavam o alto da pirâmide social – os aristocratas, os proprietários de terras, os intelectuais – na verdade não trabalhavam. Não era do trabalho que obtinham riqueza e prestígio, mas do nome de família, da proteção às artes e letras e de rendas. Hoje, entretanto, um empresário, administrador ou diretor geral trabalham muito mais horas do que um operário ou empregado. Em suma, antigamente, quanto mais rica, menos a pessoa trabalhava, podendo dedicar-se a si, à família e aos amigos; hoje, entretanto, quanto mais rico, mais o homem trabalha, descuidando de si e dos outros. O trabalho passou de castigo a privilégio. (DE MASI, 2000a, p.13).

Essa expressiva mudança no conceito de trabalho provocou nas relações entre os seres humanos uma profunda mudança, reduzindo o homem a um simples acessório da máquina produtiva. Neste sentido, o homem só tem direito de viver de modo independente, ser bem aceito no convívio social, se estiver incorporado ao processo produtivo. Esta organização do trabalho faz sentir seus efeitos no progresso social, condenando milhões de pessoas à fome, à

miséria, retirando-lhes a perspectiva de vida e atirando-as à exclusão da fruição cultural e do entretenimento, que se realiza no tempo livre. "Eu acho que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo diferente do que sempre se apregoou". (RUSSELL, 2002, p.23). Para o cumprimento desse desígnio faz-se necessário, que a sociedade pós-industrial se baseie em outros valores que não seja o processo produtivo. A sociedade pós-industrial emerge, tendo como tarefa diante de si, a redução do horário de trabalho, na convicção de que este seja o itinerário de prosperidade e de felicidade do homem.

> Se o assalariado comum trabalhasse quatro horas por dia, haveria bastante para todos, e não haveria desemprego – supondo-se uma quantidade bastante modesta de bom senso organizacional. Essa idéia choca as pessoas abastadas, que estão convencidas de que os pobres não saberiam o que fazer com tanto lazer. Nos Estados Unidos, os homens costumam trabalhar longas horas, mesmo quando já desfrutam uma ótima situação, e ficam sinceramente indignados com a idéia do lazer para os trabalhadores, a não ser na forma do castigo cruel do desemprego. Na verdade, eles rejeitam o lazer até mesmo para os filhos. (RUSSELL, 2002, p.30).

Esse imenso périplo da necessidade da redução da quantidade de trabalho para suprir as necessidades básicas do ser humano é proporcionada pela inovação tecnológica. Uma fundamental consequência da posição que afirma a redução da jornada de trabalho tem como princípio uma melhor distribuição do tempo livre para a sociedade, sem provocar danos à civilização. No entendimento de Russell, o mundo seria mais feliz, se o trabalho deixasse de ser a atividade mais valorizada dentre as outras. Nesse sentido, ele acena a possibilidade de uma sociedade voltada para o lazer proporcionada pela inovação tecnológica, que proporciona o tempo ocioso. A organização da sociedade pós-industrial edifica-se nessa reflexão e estará terminada quando a grande maioria dos trabalhadores que executam trabalhos braçais gozar do tempo livre.

Esta problemática está justamente na raiz da reflexão pós-industrial. É permitido afirmar, portanto, que na sociedade pós-industrial o trabalho, o estudo e o lazer se confundiram, pois "não é do trabalho que nasce a civilização: ela nasce do tempo livre e do jogo". (DE MASI, 2000b, p. 146). Esse fato indiscutível se manifesta na organização da estrutura produtiva idealizada pela nova sociedade.

É nessa prerrogativa singular que se apresenta a sociedade atual, em sua relação determinante com o novo conceito de trabalho que se funda no ócio como primazia. Somente neste âmbito, a sociedade pós-industrial vê seus interesses satisfeitos, no qual não se poderá distinguir entre o tempo de trabalho e o tempo livre. Com a consolidação efetiva desta

realidade, a sociedade poderá exaltar e acumular o trabalho, o estudo e o jogo, tudo isso ao mesmo tempo.

> Há um pensamento Zen que expressa com perfeição essa forma de vida, tanto no seu aspecto prático como no seu estado de espírito: aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. (DE MAIS, 2000b, p. 148).

A utilização das máquinas irá marcar a sociedade pós-industrial, como sociedade predominantemente do tempo livre, sobretudo em sua versão intelectual, e esse será um traço comum que unirá os diversos valores predominantes: estética, criatividade, subjetividade, etc. De fato, a revolução anunciada pela sociedade pós-industrial apresenta as mesmas características que descobrimos em todas grandes transformações ocorridas na história humana, qual seja a de buscar, através de uma revolução, o saber que venha a ocupar o lugar vago deixado pela antiga sociedade.

Com a tecnologia que a sociedade hoje dispõe, é possível resgatar a humanidade da idolatria do trabalho, é possível se pensar numa sociedade ociosa. Quando se pensa na reconstrução da sociedade, está se pensando na possibilidade de se criar, na sociedade atual, as possibilidades de ócio que são oferecidas pelas máquinas. Dessa forma, de um lado a técnica moderna permite a produção de produtos que dá para suprir as necessidades de toda humanidade, do outro, ela permite ao homem atual o deleite mental do tempo livre.

No entanto, a inovação tecnológica, em vez de contribuir no prolongamento do tempo ocioso, ele é aplicado na elevação da produtividade, prolongando a jornada de trabalho através do monitoramento da qualidade do trabalho. Devido à otimização da produção, o processo produtivo apresenta-se como algo extremamente meritório, chegando a constituir na vida humana, o principal objetivo. Isto significa dizer que, em relação ao desenvolvimento tecnológico que avança prodigiosamente, a organização social torna-se obsoleta.

4.3 Endeusamento do trabalho na sociedade tecnológica

A sociedade industrial pode ser considerada, a sociedade do trabalho, assim como a sociedade pós-industrial ficará provavelmente conhecida como a sociedade do tempo livre. Neste sentido, a época marcada pelo processo produtivo ofereceu, sobretudo, a possibilidade

de adquirir dinheiro, prestígio e poder. No caso da sociedade pós-industrial, oferece a possibilidade de introspecção, jogo, convívio, amizade e de aventura. "Nos anos passados foi o trabalho que colonizou o tempo livre; nos anos futuros será o tempo livre a colonizar o trabalho". (DE MASI, 2000b, p. 314). Isto significa que o grandioso projeto que caracterizará a sociedade pós-industrial é, fundamentalmente, um projeto destinado a conduzir a humanidade a se libertar da idolatria do trabalho.

> Na empresa pós-industrial, onde a maioria é composta de trabalhadores intelectuais, a ênfase se desloca do processo executivo ao ideativo, da substância à forma, do duradouro ao efêmero, da prática à estética. Ou seja, da precisão à apropriação, do pré-científico ao pós-científico. Tudo isso não significa o triunfo da banalidade, da superficialidade, do pecado, da mediocridade e da inutilidade. Significa a necessária substituição de uma cultura (moderna) do sacrifício e da especialização, cuja finalidade era o consumismo, por outra (pós-moderna) do bem-estar e da interdisciplinaridade, cuja finalidade é o crescimento da subjetividade, da afetividade e da qualidade de trabalho e de vida. (DE MASI, 2000b, p. 304 e 305).

Nesse sentido, todo e qualquer investimento que se aplicou no processo produtivo da época industrial, obedece à lógica da produtividade capitalista, devendo, portanto, viabilizar a circulação da mercadoria, da matéria prima e da mão de obra. Dado o caráter de endeusamento do trabalho que marca a sociedade industrial, todos os investimentos tendem majoritariamente a favorecer o aumento da produtividade. Com isto, a sociedade industrial destina-se prioritariamente ao processo produtivo.

Os valores que reinam na sociedade pós-industrial obrigam a sociedade industrial a mudar. Não são valores apenas econômicos, mas também culturais, como as mudanças na estrutura produtiva, proporcionando uma maior igualdade do tempo livre entre os homens. Nessa evolução da sociedade pós-industrial a maioria dos trabalhadores é intelectual. Diante dessas mudanças, a ótica do trabalho se desloca do processo executivo ao ideativo.

A super valorização do trabalho se estende à cultura industrial como um todo; desse modo, essa ideologia que valoriza a estrutura produtiva dá-se não só como uma busca de riqueza, mas também como uma necessidade de autovalorização, de reconhecimento de cada indivíduo no convívio social. Isso se manifesta de forma restrita quando se tenta apontar esse resultado identificando-o com uma lógica específica, ilusão tanto mais fortalecida quanto mais se puder objetivá-la pelo vigor da lei capitalista.

É por isso que a sociedade pós-industrial elabora suas reflexões a partir de um rompimento com essa mentalidade. "O trabalho pode muito bem ser convidado a retirar-se do trono no qual havia sido colocado pelos patrões, pelos filósofos e pela igreja, ao final do século XVIII". (DE MASI, 2000b, p. 314). Com a sociedade pós-industrial, uma coisa vai-se

delineando com bastante clareza: há uma tendência sempre mais forte, fundada na valorização do tempo livre, do lazer, muito mais do que nas vendas e nos investimentos.

> Com o advento de uma sociedade ociosa, todos os parâmetros mudam: a escolha de um colchão cômodo é mais importante do que a escolha de uma escrivaninha funcional; a escolha do amigo com quem vai sair de férias é mais importante do que a escolha do colega de trabalho; a escolha de uma faculdade universitária que prepara para a vida é mais sábia do que a escolha de uma faculdade que prepara para a profissão. O que conta não é o estresse da carreira, mas a serenidade da sabedoria. (DE MASI, 2000b, p. 325).

O fundamento, a ideia motriz da sociedade industrial, prima pelo fazer produtivo e, inclusive, pelo desenvolvimento da produtividade. Por ser a ideologia da época, são deveres exigidos coletivamente. "A ética do trabalho é a ética dos escravos e o mundo moderno não precisa de escravos". (RUSSELL, In DE MASI, 2000b, p. 314). É necessário, no entanto, ter presente neste momento, a ideologia da época que se manifestava contrária ao desenvolvimento do ócio e a favor do trabalho.

Assim, o trabalho apresenta-se, pois, como uma lei que rege necessariamente à vontade de toda a sociedade, afirmando incondicionalmente que todos devem estar inseridos no processo produtivo."Há cem anos a idolatria do cansaço ainda era indispensável para que nos liberássemos da miséria, mais hoje, na maioria dos casos, ela representa apenas uma escravidão psicológica". (DE MASI, 2000b, p. 314). Por sua vez, na sociedade defensora de um princípio, em que é obrigatório o processo produtivo, é negado, necessariamente pela classe dominadora dos meios de produção e consequentemente do processo produtivo, o direito ao ócio. Esta classe, portanto, controlou ideologicamente toda a sociedade industrial apregoando e segmentando os provérbios apregoados na Idade Media, tais como: "o ócio e o pai de todos os vícios". (RUSSELL, 2002, p. 23). O processo produtivo é venerado como algo que está acima da vida humana. Todos os membros que compõem a sociedade defendem o processo produtivo acreditando que pelo mesmo o homem se emancipará. Estes, ao defender o processo produtivo, apresentam uma extravagante paixão, a ponto de ficarem loucos a busca do poder.

> Uma estranha loucura tomou conta das classes operárias nas nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura trouxe consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão agonizante pelo trabalho, levada até o esgotamento da energia vital do indivíduo e de seus filhos. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas e os moralistas preferiram sacrossantificar o trabalho. Homens cegos e limitados desejaram ser mais sábios que seu próprio Deus. (DE MASI, 2001, p.143).

Desse modo, a ideia diretriz da sociedade industrial está associada ao progresso primogênito do trabalho. É ela que permite a unificação, sob égide do processo produtivo, da dor, da miséria e da corrupção, assegurando contrastes sombrios que assolam a vida dos trabalhadores. "Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a riqueza social e suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que tornando-se mais pobres tenham mais razões para trabalhar e para ser miseráveis". (DE MASI, 2000, p.153). Essa é a lei inexorável da produção capitalista. Como é sabido, na sociedade que reina a produção capitalista, o progresso social torna-se obsoleto, em relação ao progressivo aumento da produção.

O vício do trabalho provoca na sociedade crises de super-produção, convulsionando o organismo social. Este é o motivo pelo qual aparecem na sociedade um excesso de mercadorias sem compradores, ocasionando o fechamento das fábricas e, em decorrência dessa situação, a miséria atinge a vida dos operários. "Os operários, embrutecidos pelo dogma do trabalho, não compreendem que ao excesso de trabalho que eles se infligiram durante o tempo de pretensa prosperidade é a causa de sua miséria atual". (DE MASI, 2001, p.153). Diante dessa situação, será que ainda se tem sentido defender as virtudes do trabalho com tanta fome, miséria distribuída pelo mundo?

Neste sentido, a sociedade pós-industrial emerge como combate as posições dos defensores do processo produtivo, pois ela busca reconstruir a ideologia que endeusa o trabalho, elaborando um processo educativo, que tem como objetivo, conscientizar a mentalidade que encarnou o processo produtivo como princípio fundante da vida. "Em outros tempos, os pobres trabalhavam muito mais do que os ricos. Hoje um executivo ou um empresário trabalha muito mais do que um operário". (DE MASI, 2000b, p. 233). Assim, a sociedade que defende o tempo livre, busca não só resolver os problemas que afetam o processo produtivo, mas também alterar a ideologia que centraliza o trabalho, sempre desfavorável aos interesses dos que são incapazes de ver a vida humana como totalidade. É por isso que a sociedade industrial é interpretada por De Masi, como a sociedade em que desapareceu a unidade do sentido da vida humana e, consequentemente, como perpassada por uma busca incessante da labuta, portanto, como uma sociedade estruturalmente que valoriza a estrutura produtiva.

Com a estrutura da sociedade pós-industrial, como projeto concreto de organização da sociedade e com o seu direcionamento ideológico, parece estarmos num momento parecido com o que a humanidade encontrou-se no período do Renascimento. Com isto, a humanidade coloca-se sob uma outra forma de atitude diante do mundo, relê-lo por completo, para poder

construí-lo sob uma forma distinta da mentalidade industrial que reduziu o homem ao processo produtivo.

Portanto, a atuação da sociedade pós-industrial exige uma visão unitária de mundo, com a superação da mentalidade produtiva, em favor do bem de toda a humanidade, por meio da redução do tempo de trabalho e da distribuição de seus frutos entre todos. Os aspectos apresentados acima visam estabelecer uma organização mais humana, em que a paz não seja só ausência de guerra, e sim compromisso e valor supremo da convivência humana. Isto, à luz dos recentes acontecimentos que nos obriga a escolher um país ou pessoa e a sacrificar o outro.

Neste sentido, será preciso muito tempo para resgatar a humanidade da ideologia do trabalho, ou talvez já tenha começado essa transformação que, aliás, é difícil vislumbrar, e até parece, às vezes, perdida. A sociedade pós-industrial encaminha-se para isso, na esperança de resgatar o homem do sacrifício e da dor causados pela estrutura produtiva.

Se na sociedade industrial o trabalho estava sempre presente na vida dos homens, oprimindo-os, na sociedade pós-industrial, ao contrário, o que irá prevalecer será o tempo livre. Essa visão apresenta-se hoje como possibilidade e se fundamenta no desenvolvimento tecnológico que é capaz de executar os trabalhos cansativos.

> O trabalho perdeu o papel central que ocupou durante um par de séculos até agora, e que, portanto, a família, a escola e a mídia devem colocar ao lado da atual educação profissional dos jovens um outro tipo de educação, igualmente séria com vistas às atividades lúdicas e culturais. Do mesmo jeito que se aprende a ser técnico de informática, torneiro mecânico, engenheiro ou farmacêutico, também se aprende a ser pai, telespectador, cidadão e turista. Se aprende a escolher e a apreciar um filme, um concerto, ou ainda uma localidade balneária. Se aprende a escolher e a apreciar uma boa culinária, um bom hotel, as belezas da natureza e da arte. Se aprende, enfim, a viver a plenitude da vida pós-industrial, feita não só de trabalho cansativo, mas também de ócio inteligente. (DE MASI, 2000b, p. 322).

A característica mais original da sociedade pós-industrial reside, sem dúvida, no fato de que o homem irá gozar o ócio. Mas para que isso venha a se realizar plenamente, é necessário, no entanto, que os jovens sejam educados para isto. Todo saber humano provém da educação, sendo esta a condição necessária para a afirmação da identidade do indivíduo do tempo livre.

Convém ainda observar que a educação é a base da formação humana. Portanto, é fundamental educar o jovem atual para que ele não tema o fluir constante das inovações. Quando falamos em educação, pensamos uma formação pós-industrial, que nos ajuda a dar significado às coisas. "Quanto mais educado você for, um maior número de significado as

coisas suscitam em você". (DE MASI, 2000b, p. 327). Assim, para o efeito desta reflexão, educação assume o sábio uso do ócio.

Todo processo de resgate do tempo livre numa sociedade que prima pelo trabalho é um processo muito árduo já que a ideologia defensora da estrutura produtiva constitui-se um obstáculo à consolidação do ócio. No entanto, é inconcebível permitir que, apesar de todo avanço tecnológico o homem atual, continue atrelado ao trabalho como dignificante. Indiferentes a essa realidade que conspurca os valores humanos proclamamos alto e bom som a nossa condição de escravos da máquina produtiva e ufanicamente alardiamos que somos humanos.

A sociedade tecnológica ao reduzir a vida ao processo produtivo, esqueceu-se dos valores que tornam a vida do homem mais humana. Como se vê, a sociedade industrial está associada a um dinamismo econômico, que implica em produção crescente e realização dessa produção. Neste sentido, ela encontrou no processo produtivo o seu grande vetor de desenvolvimento produtivo. Esta racionalidade produtiva, ao racionalizar o trabalho, produz, portanto, uma quantidade imensa de coisas que não necessitamos.

> Para que suas vidas não se tornem secas e ásperas, e para que não sejam preenchidas com atos triviais de auto-afirmação, as pessoas que não conseguem mais encontrar conforto na religião dogmática precisam de algum tipo de substituto. O mundo de hoje está cheio de grupos egocêntricos e radicais, incapazes de ver a vida humana como totalidade, e muito mais dispostos a destruir a civilização do que a ceder um milímetro sequer em aspirações. (...). O que se necessita não é de tal ou qual informação especifica, mas do conhecimento que inspire uma concepção da finalidade da vida humana como um todo. (RUSSELL, 2002, p. 45 e 46).

Nesse sentido, ainda é apregoada a ideológica dignidade do trabalho, que começou difundir-se no início da sociedade industrial, ainda que tudo leve a crer que estejamos vivendo em meio a uma crise profunda que atinge alguns dos pressupostos fundamentais do trabalho, mas que anunciam talvez seu declínio definitivo. A esse propósito vale lembrar que, quando aludimos o declínio definitivo do processo produtivo, partimos do pressuposto que o trabalho é um fenômeno de nossa cultura que se desenvolveu provavelmente como um dos principais fatores da sociedade industrial. Essa denominação não deve, no entanto, ser entendida em sua generosidade conceitual, mas sim referidas a condições históricas que influenciam na sociedade atual, a formação de um novo conceito de trabalho.

> (...) a sociedade dominada pelo trabalho não passa por uma simples crise passageira, mas alcançou seu limite absoluto. A produção de riqueza desvincula-se cada vez mais, na sequência da revolução microeletrônica do uso de força de trabalho humano numa escala que há poucas décadas sóera imaginada como ficção científica. (...) a

> sociedade nunca foi sociedade do trabalho como nesta época em que o trabalho se faz supérfluo. Exatamente na sua fase terminal, o trabalho revela claramente seu poder totalitário, que não tolera outro deus ao seu lado. (KRISIS, In COSTILA, 2003, p. 50).

É notório compreender que o surgimento da sociedade pós-industrial confirma incontestavelmente essa situação, na medida em que nela dominam, não só o trabalho, mas também o tempo livre. Na sociedade pós-industrial, o endeusamento do trabalho perde todo o sentido, pois a população ociosa será educada com uma visão de deleite mental equivalente à da utilidade imediata do conhecimento técnico. O ócio é essencial à civilização, pois na Grécia o ócio de uns possibilitou a criação de teorias políticas e éticas que servem de sustentáculo para as civilizações posteriores.

Olhando para as civilizações precedentes à sociedade industrial, podemos conceituar o desenvolvimento da sociedade, tendo como parâmetro, o tempo ocioso. Nesse caso, em termos concretos, podemos dizer que o tempo livre é indispensável no desenvolvimento social. Partindo dessa compreensão, podemos afirmar que na sociedade pós-industrial o "deus trabalho", que foi tão valorizado na sociedade precedente dá lugar ao "ócio criativo".

A perspectiva pós-industrial situa-se, portando, como uma reformulação do conceito de trabalho, construindo no lugar da sociedade em que reinava a hegemônica ideologia defensora da estrutura produtiva, o ócio. Neste sentido, a expressão privilegiada na sociedade pós-industrial é o tempo livre, justamente por este trazer ao homem os valores que foram aniquilados pela sociedade do trabalho.

5CONCLUSÃO

O propósito básico desta pesquisa foi analisar e, ao mesmo tempo, descrever as determinações ideológicas do trabalho construídas no final da Idade Média. Neste período, se criou uma ideologia que endeusava o trabalho e ao mesmo tempo menosprezava o ócio. A mentalidade da época acreditava que "o ócio é o pai de todos os vícios" e "quem não trabalha é preguiçoso". Com o declínio do feudalismo e o advento da indústria, está ideia foi segmentada pelo capitalismo e pela organização do processo produtivo.

Para tanto, sentimos a necessidade de acompanhar, paralelamente o estudo do nosso tema, desde o final da data do feudalismo, passando pela sociedade moderna, que apregoa a dignidade da estrutura produtiva como vetor do desenvolvimento social, até a sociedade pós-industrial que oferece com a utilização das máquinas uma reconstrução da ideologia construída em torno do trabalho. Para isso, buscamos acompanhar o amadurecimento metodológico desenvolvido por Marx que analisa a sociedade de sua época, num momento em que o sistema capitalista acentuava seu caráter de dominação e expropriação do trabalho alheio, causando assim, um crescimento econômico exacerbado de uma minoria e o empobrecimento de uma maioria e no pensamento de De Masi, um pensador marxista atual, que retrata nas suas obras a realidade da estrutura produtiva na sociedade pós-industrial. O propósito de De Masi é resgatar a sociedade atual da idolatria construída em torno do trabalho. Afinal, com a tecnologia que a humanidade dispõe hoje é possível pensar numa sociedade onde reine não só o trabalho, mas também o tempo livre.

Marx como estudioso da sociedade moderna acompanha gradativamente a transformação social que marca a transição do feudalismo para o capitalismo. O renascimento comercial e o desenvolvimento da produção artesanal deram origem à burguesia. Com o surgimento da burguesia, a aristocracia, cujo papel tinha cessado de diminuir, permanecia ainda na primeira escala da hierarquia social, porém ela se esclerosava em casta, no momento em que a burguesia aumentava em número, em poder econômico sobre tudo, em cultura e consciência.

Com o Iluminismo, instaura-se a crença na razão humana e no progresso. Esta mentalidade opera o discurso ideológico burguês, que necessita de trabalhadores para indústria nascente. É por isso que Marx prioriza a esfera econômica com base na análise do processo de produção capitalista, chegando, assim, a mostrar a força de trabalho como gerador da riqueza. Com isto, o sistema capitalista se desenvolve pela exploração da força de trabalho. É, portanto, vendo a exploração que se encontra o trabalhador no mundo capitalista

que Marx luta pela redução do horário de trabalho. O próprio "Marx testemunha que o operário apenas fora do trabalho se sente perto de si e sente-se fora de si no trabalho" (MARX, In DE MASI, 2000a, p. 309). Apesar de defender o trabalho como atividade vital da vida humana, Marx percebe que no sistema capitalista, o trabalho é algo obrigatório, pois o homem não se realiza no processo produtivo, mas no tempo livre.

Para Marx é pelo trabalho que o homem se realiza plenamente, e ainda observa que no sistema capitalista é pelo trabalho que há objetivação do humano, quando o homem pode reproduzir-se ativamente por uma atuação consciente, identificando-se como ser natural e genérico. Neste sentido, faz-se necessário uma superação desta situação de alienação pela negação do sistema. Assim, ele defende, pois, a necessidade de uma revolução proletária, visando assim, a implantar o socialismo, etapa transitória ao comunismo, espécie de sociedade sem classe, igualitária, na qual não haveria mais Estado nem exploração do homem pelo homem, em que seria dado a cada um conforme suas necessidades e exigido de cada um conforme suas possibilidades.

Na trajetória intelectual de De Masi, o ócio adquire papel fundamental, pois busca estudar a organização do trabalho na sociedade pós-industrial. O ponto crucial da concepção de De Masi, na análise da sociedade pós-industrial é a relação que deve existir entre trabalho e tempo livre. O esforço reflexivo do autor é direcionado a reunificar o ócio e o trabalho, pois ambos os conceitos se distanciaram um do outro, desde o final da Idade Média. Com isto, se criou em torno do ócio uma imagem negativa e se produziu em torno do trabalho uma ideologia que vê o processo produtivo como algo positivo, benéfico à sociedade.

A perspectiva reflexiva de De Masi tenta estabelecer critérios de orientação para desenvolver pretensões de validade concernentes à realização do ócio e não só do trabalho, na sociedade pós-industrial. A validade desta proposta tem sido bastante fundamentada pelo avanço tecnológico. Neste sentido, o autor considera que a valorização do trabalho ocorrida na sociedade industrial perde todo o sentido na sociedade atual, uma vez que as máquinas são capazes de executar tanto as tarefas que exige esforço físico, como a parte mais tediosa do trabalho manual. "A máquina, portanto, é o redentor da humanidade, o deus que resgatará os homens das sordidie artes e do trabalho assalariado, o deus que presenteará o ócio e a liberdade".(DE MASI, 2000b, p. 319).

Neste sentido, admite-se, inclusive, a necessidade de articular o desenvolvimento humano juntamente com o desenvolvimento econômico. O crescimento das capacidades tecnológicas promotoras do aumento da produtividade e, consequentemente, do bem-estar humano, constituem o ponto crucial do sistema pós-industrial.

Na sociedade pós-industrial, o ócio retoma com força total. Mediante o avanço tecnológico, o trabalho perde todo caráter cansativo, como na sociedade precedente e ressurge com força inovadora e criativa. Por intermédio da criatividade subjetiva e da estética, cria-se em torno do processo produtivo, um aspecto vibrante e dinâmico, onde tudo é diferente. Os sons se sacodem, as cores se movem, as palavras arrebentam, letras, informações e papéis se envolvem, fundam-se numa massa frenética.

Esse quadro ilustra o que são as propostas da sociedade que terá o ócio como primazia. Essa realidade apresenta não apenas as características que marcará a sociedade pós-industrial, como o trabalho intelectual será predominante. Nesse sentido, o ócio emerge como um presente das máquinas aos homens, evidentemente o homem é o único animal a se beneficiar com o desenvolvimento tecnológico. Em consequência, podemos asseverar que não há ócio fora do que é propriamente humano.

O que foi exposto não é somente um quadro inicial em que se sustenta o pensamento dos dois pensadores referidos, mas a problemática central que existe entre ambos, e, consequentemente, no pensamento de Marx. Entende-se assim que a apropriação do pensamento de Marx não pode ser real e fecunda se for ao mesmo tempo crítica, não no sentido de uma demarcação preconceituosa em relação ao trabalho, mas no sentido de revelar a exploração do trabalhador no sistema capitalista. Assim o pensamento de De Masi revela os pontos cruciais que tornam necessária uma revisão do conceito de trabalho, desvendando com isso suas determinações ideológicas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
ALBORNOZ, Suzana. **O que é o trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002. Coleção primeiros passos; 171.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2003.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COSTILA, Lúcio Fernando Oliver. Trabalho, trabalhadores e dinâmicas institucionais. A morte do trabalho ou o desencanto da inteligência? In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, V. 34, N. 1, p. 49-58, s/m. 2003.

DE MASI, Domenico. **A economia do ócio**/ Bertrand Russell, & Paul Lafargue; De Masi, organização e introdução. Rio de Janeiro: Sextante, 20001.

_____. **O futuro do trabalho**. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. (Tra. Yadir A. Figuereido). 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed. Da UnB, 2000a.

_____. **O ócio criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieré. 6ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000b.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica**. Alternativas de mudanças. 49ª ed. Porto Alegre: Edipucrus, 2000.

GIANNOTTI, José Arthur. **Origens da dialética do trabalho**. Estudo sobre a lógica do jovem Marx. São Paulo: L&PM, 1984.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. (Tra. Waltenir Dutra). 15ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

HUNT & SHERMAN. **História da pensamento Econômico**. (Tra. Jaime Larry Benchimol). 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

IANNI, Octávio & FERNANDES, Florestan. **Marx**. Coleção Sociologia. S/L: Ática, S/D.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política: Vol. I. (Tra. Reginal Sant' Ana). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002.

_____. **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Introdução de Eric Hobsbawm. (Tra. João Maia). 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991. Coleção pensamento crítico; Vol. III.

_____. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. (Tra. Alex Martin). São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. In MALAGODI, Edgard (Tradu.).**O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção os pensadores. (p. 187-254).

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. (Tra. Alex Martin). São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **A Ideologia alemã**. (Tra. Luiz Cláudio de Castro e Costa). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993. Coleção filosofia; 25.

_____. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993. Coleção filosofia; 28.

_____. **Tópicos sobre dialética**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

_____. **Ética e Práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. **Marx e a liberdade**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. Coleção filosofia; 62.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Vol. III, do Romantismo até nossos dias. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.